

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM
LINGUÍSTICA**

**CONTATOS DE LÍNGUAS: ATITUDES LINGUÍSTICAS DA INTERAÇÃO
ENTRE O FALAR BOLIVIANO E O FALAR CACERENSE**

Eurenice Gimenes da Silva

**CÁCERES-MT
2016**

EURENICE GIMENES DA SILVA

**CONTATOS DE LÍNGUAS: ATITUDES LINGUÍSTICAS DA INTERAÇÃO
ENTRE O FALAR BOLIVIANO E O FALAR CACERENSE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso como pré-requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística.
Orientadora:

Prof.^a Dra. Jocineide Macedo Karim

**CÁCERES-MT
2016**

FICHA CATALOGRÁFICA

BANCA EXAMINADORA

Dr^a Jocineide Macedo Karim – UNEMAT
Orientadora

Dr^a Valéria Faria Cardoso – UNEMAT

Dr^o Antônio Carlos SOUZA de Souza- UEMS

Aminha querida irmã Edileusa, que não teve tempo de ver este trabalho concluído.

Aos meus filhos, James, Virgínia, e Alehandro, meu maior motivo.

A Reinaldo da Silva, parceiro incansável.

A Otávio Molina Gimenes, sobrinho e filho de coração.

AGRADECIMENTOS

A Deus, minha força maior.

Aos meus irmãos, Gidalto, Ednei, Edna, Edneiva e Geiza, pessoas que amo partilhar a vida.

Aos demais familiares, que, de alguma maneira, participaram nesta etapa da minha vida.

Aos meus colegas de mestrado, gratidão pelo apoio e paciência.

Aos meus cunhados, Marco Antônio Rocha e Ronaldo Santos Pereira, parceiros de todas as horas.

A minha orientadora, Jocineide Macedo Karim, pelo carinho e pelo respeito com os quais me orientou de coração aberto nessa jornada.

À Banca, pelas honrosas contribuições.

Aos amigos, Sebastião Pereira e Tatiany Gomes, amigos incondicionais.

Aos professores do Programa, que, direta ou indiretamente, contribuíram nesta pesquisa.

Ao Comitê de Ética em Pesquisa – CEP – UNEMAT.

A Capes, pelo apoio financeiro.

À UNEMAT.

Aos informantes, essência deste trabalho.

RESUMO

O presente estudo toma como foco de análise atitudes linguísticas de informantes cacerenses e bolivianos quanto ao próprio falar e o falar do outro, no município de Cáceres-MT. Nesse sentido, procuramos investigar tais atitudes a partir do arcabouço teórico-metodológico da Sociolinguística, assumindo, para isso, uma perspectiva qualitativa. Nas análises, observamos atitudes, de modo geral, positivas, um discurso público sobre a língua, embora nos dados também haja registros de atitudes de insegurança, quando os informantes estão sujeitos a fatores de hipercorreção.

Palavras-chave: Sociolinguística. Atitudes linguísticas. Línguas em contato.

ABSTRACT

The present paper focuses on the linguistic actions analysis of bolivian and cacerenses in a perspective of speak in Cáceres (MT) city. Researching this actions in a theory and methodology of sociolinguistic in a qualitative perspective. The analysis (we) observe positive attitudes in a public discourse about the language, Although the data also show records of attitudes of insecurity when informants are subject to overcorrection factors

Keywords: Sociolinguistic. Linguistic Actions. Contact Language.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1.PROCESSOS IMIGRATÓRIOS: BRASIL, MATO GROSSO E CÁCERES	14
1.1 Imigração Brasileira: história e cenário.....	14
1.2 Processo Imigratório no Estado de Mato Grosso	15
1.3 A Imigração Boliviana no Cenário Cacerense	16
2. O CONTATO LINGUÍSTICO COMO CAUSA DE ATITUDES LINGUÍSTICAS	20
2.1 O Quadro Teórico Central	20
2.2 Contato Linguístico e Atitudes Linguísticas	23
2.3 Alguns Estudos Sociolinguísticos	32
3. A ORGANIZAÇÃO DA PESQUISA	36
4. NOSSA ANÁLISE: ATITUDES CONSTATADAS	40
4.1 Falar Cacerense.....	41
4.2 Falar Boliviano	60
CONSIDERAÇÕES FINAIS	75
REFERÊNCIAS	76
ANEXOS	81

INTRODUÇÃO

Os estudos sociolinguísticos têm avançado consideravelmente em Mato Grosso, principalmente após a implantação da Universidade do Estado de Mato Grosso, doravante UNEMAT, que conta com pesquisadores nesta área. No entanto, há uma gama de aspectos referentes a esta área que são pouco estudados ou divulgados: é o caso dos dialetos em contato. Considerando que, embora importante, não existe uma extensiva bibliografia que trate da questão das atitudes linguísticas em dialetos em contato, já que, na maioria das vezes, o tema é apenas mencionado e não há uma abordagem específica do assunto, este trabalho contém algumas contribuições de conceitos pertinentes à temática, além de um quadro teórico embasado nas ideias da sociolinguística qualitativa, que fornece suporte para a compreensão do foco desta investigação: *Contatos de Línguas: Atitudes Linguísticas da Interação entre o falar boliviano e o falar cacerense*.

A presente pesquisa ocorreu na cidade de Cáceres- MT. Situada na mesorregião Centro-Sul do Estado de Mato Grosso e na microrregião do Alto Pantanal. Segundo o site do IBGE (2014), o município de Cáceres é uma das regiões mais antigas do Estado, e o principal município mato-grossense que abrange o Pantanal. Com uma população estimada de 90.106 habitantes, fazendo fronteira com o país vizinho Bolívia. Apesar de ser considerada uma típica cidade pantaneira, Cáceres está situada dentro da Amazônia legal¹ que compreende, além de todo Estado de Mato Grosso, mais oito Estados brasileiros. Situada a 240 km da capital do Estado de Mato Grosso, Cuiabá, e a 80 km da fronteira do Brasil com a cidade boliviana de San Mathias, sua extensão territorial é de 24.965,94km², local onde analisamos o confronto de indivíduos com duas línguas distintas e a ocorrência entre duas línguas devido à necessidade de comunicação entre dois grupos que pertencem a uma cultura e língua diferentes.

Existem muitos bolivianos que deixaram seu país e decidiram viver na região de Cáceres - MT, passando a ter um contato direto com outra cultura e com uma língua diferente. Pressupomos que tal acontecimento deve acarretar o surgimento de atitudes linguísticas manifestadas nas falas dos bolivianos que convivem cotidianamente com

¹ O Pantanal Norte, onde fica Cáceres, é chamado também de Pantanal Amazônico por estar totalmente inserido na Amazônia legal.

cacerenses. Deste modo, cabe como objeto desta pesquisa a análise das atitudes linguísticas decorrente do contato dialetológico entre a língua espanhola (Bolívia) e língua portuguesa (Brasil), especificamente na comunicação verbal entre cacerenses e bolivianos, tomando aqui tanto o falar cacerense quanto o boliviano como dialetos de suas respectivas línguas nacionais.

Para tanto, buscamos, como *corpus* de análise, observar atitudes linguísticas de lojistas bolivianos resultantes da interação com seus funcionários cacerenses. Frente a estes aspectos, procuramos identificar os juízos de valor entre falantes de idiomas e origens geográficas distintas que interagem entre si, analisando as atitudes linguísticas em dois momentos: Primeiro em seu impacto externo e interno sobre o falar boliviano devido ao contato direto com os cacerenses. Segundo, na verificação de um possível surgimento de um novo “fenômeno” linguístico, em razão do confronto diário entre ofalar boliviano e falar cacerense.

Pensando no laboratório que é Mato Grosso para tratar de pesquisas linguísticas, escolhemos um tema que considera dialetos em contato em observância a fatos dialetais e atitudes linguísticas. O tema é relevante na medida em que contribui para a formação de mais um registro sobre fatos de duas línguas distintas, mas em convívio no cenário mato-grossense.

Desse modo, constituíram os objetivos desse estudo: Analisar as atitudes linguísticas provenientes dos dialetos em contato de bolivianos e cacerenses. Verificar se o sotaque cacerense e seus aspectos peculiares influenciam na fala dos bolivianos que vivem na cidade de Cáceres; Analisar se, devido ao encontro das línguas portuguesa e espanhola, ocorreu um “fenômeno” linguístico que deu origem a outro sotaque; Identificar os juízos de valores de falantes de origem geográfica distinta.

Nossa pesquisa norteou-se pelas leituras e estudos de diferentes autores, entre eles Calvet (2002), em sua exposição sobre a “mistura das línguas”, em que analisa o confronto do indivíduo com duas línguas diferentes e a ocorrência da mistura em seu discurso devido à necessidade de comunicação entre dois grupos que pertence a uma cultura e língua diferente, em que não haja conhecimento de outra língua por ambas as partes, o que faz com que eles inventem outra forma de língua aproximativa, geralmente uma língua mista. A forma aproximativa não está destinada a evoluir, essa mistura é vista pelos linguistas como um auxílio em que, se utilizadas em uma situação de contato direto, dificilmente essa língua próxima irá evoluir para uma prática de língua melhorada.

A obra de Ferreira e Cardoso (1994) aponta questões pertinentes aos estudos dialetais. O estudo de Bisinoto (2001) referente às atitudes sociolinguísticas da região de Cáceres-MT e seu papel na reordenação social e linguística da região mostra como a autora averigua, dentre outras coisas, que o falar cacerense é desvalorizado por seus próprios falantes, o cacerense nativo. O falar cacerense é facilmente identificado por imigrantes e produz grandes rumores em meio aos imigrantes. Sobre o seu próprio falar, os nativos cacerenses entrevistados não têm informação do histórico de sua fala e presumem ter sido influenciado pelo espanhol da Bolívia.

A dissertação de Gimenes-Moralis (2000), ao analisar as atitudes linguísticas de indivíduos araguienses e não araguienses no município de Alto Araguaia - Mato Grosso, demonstra como cada entrevistado, de diferentes falares, emite juízo de valor sobre seu próprio falar e sobre o falar do outro. Este trabalho aponta como o convívio entre diferentes dialetos prepara o discurso sobre si e sobre o outro. Para desenvolver a pesquisa aqui proposta, lançamos mão dos métodos aplicados para o tratamento de questões sobre atitudes linguísticas.

Ainda pontuamos o trabalho de Macedo-Karim (2012), a respeito das atividades linguísticas dos sujeitos moradores da comunidade São Lourenço em Cáceres-MT, entre outros trabalhos no cenário internacional e nacional que as abordam, direta ou indiretamente. Desse modo, a fim de analisar as atitudes linguísticas provenientes dos dialetos em contato de bolivianos e cacerenses, utilizamos como ferramenta de trabalho e de coleta de dados a confecção de um questionário-guia² que nos possibilitasse ter a visão do cenário de estudo. É importante ressaltar que não há um modelo metodológico pronto e acabado, quando se trata do estudo de atitudes linguísticas, o que nos levou a adequar nossos instrumentos a partir das teorias sociolinguísticas que se afinam com o tema aqui abordado.

Nesse sentido, a partir de um questionário-guia que abarcasse as questões de nosso estudo, fomos a campo entrevistar lojistas bolivianos em contato direto com seus funcionários brasileiros, na cidade de Cáceres-MT, lembrando que uma entrevista face a face com o informante requer do pesquisador a criação de um ambiente de descontração, para que o entrevistado se sinta à vontade. Porém, o pesquisador não deve perder o foco da base da entrevista.

A criação do questionário-guia da entrevista foi elaborada a partir do estudo

² Consta nos anexos desta Dissertação.

desenvolvido por Gimenes (2000), Macedo-Karim (2012) e Alves(1979) focalizando, portanto, perguntas centrais e perguntas periféricas. As primeiras tiveram como foco a observação das atitudes linguísticas de nossos informantes em relação a sua própria fala e à fala do outro, ao passo que as segundas tiveram como objetivo desconstrair o informante.

Para tratar de pesquisas linguísticas, escolhemos um tema que considera dialetos em contato em observância a fatos dialetais e atitudes linguísticas. O tema é relevante na medida em que contribui para a formação de mais um registro sobre o fato de línguas distintas, mas em convívio no cenário mato-grossense.

1.PROCESSOS IMIGRATÓRIOS: BRASIL, MATO GROSSO E CÁCERES

1.1 Imigração Brasileira: história e cenário

A história brasileira já nasce atravessada pela figura do imigrante, visto que, desde seu “descobrimento”, o Brasil atraiu para cá sujeitos sedentos pelas riquezas existentes nas terras tupiniquins, em razão do processo de colonização que se formaliza em 1530, porém acentuado em 1534 com a implantação das Capitanias Hereditárias.

Sobre a formação territorial brasileira, Moraes (2001) discute três dimensões que concorrem para esta formação: o território enquanto uma construção bélica, enquanto uma construção jurídica e como uma construção ideológica cujas dimensões se alternam no curso da colonização sofrida por um determinado território. Para o autor, na construção do território brasileiro, por exemplo, a Coroa Portuguesa privatiza a colonização, no sentido de transferir o custo de sua instalação no Brasil, contexto donde se criam as Capitanias Hereditárias, visto que a dimensão geográfica do país e a falta de infraestrutura aqui encontrada eram fatores encarecedores para o processo territorial, o qual deveria se expandir, dado o interesse do Poder.

É no cenário acima descrito que a figura do imigrante marca-se definitivamente na construção do território nacional, visto que a implantação das Capitanias Hereditárias foi ao mesmo tempo um processo colonizador, mas também povoador na formação da população brasileira, marcada, em seu início, pela miscigenação dos sujeitos portugueses, negro e indígena.

Nesse sentido, com a instalação da Coroa portuguesa no Brasil, o primeiro imigrante a figurar nesse espaço é o português, seguido do africano. Já no século XVII, os principais imigrantes são os espanhóis, os franceses e os judeus que se juntam à formação nacional. Outro fator que acirra esse processo, no século XVIII, é a descoberta de ouro em Minas Gerais. No século XIX, com o advento de abertura dos portos às nações amigas, em especial o de Nova Friburgo, no Rio de Janeiro, e o de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, um fluxo intenso de europeus marcou esse período, fator desencadeado, principalmente, pela expressão social que ganha, nessa época, o trabalho livre, já que, com a extinção da escravatura, o país necessitava de mão de obra

para os avanços na sua economia³. Por fim, no século XX, o Brasil registra um número considerável de imigrantes que se distribuem em diversas regiões do país, com destaque para os imigrantes portugueses, italianos, espanhóis, alemães e japoneses cuja contribuição se marca em diferentes setores da agricultura, da indústria, das artes e também da literatura.

Atualmente, de acordo com a Polícia Federal, o Brasil possui 1.847.274 imigrantes regulares, segundo estatísticas atualizadas até março de 2015 (EXAME.BRASIL, 2015).

1.2 Processo Imigratório no Estado de Mato Grosso

Os imigrantes brasileiros, conforme apontado no item anterior, distribuíram-se em diferentes regiões brasileiras, entre as quais o Estado de Mato Grosso e suas diversas cidades. Assim, para retratar esse cenário, é preciso entender o processo de colonização de nosso Estado, dados os interesses que atraíram diferentes imigrantes para cá.

Segundo Siqueira (2009), os primeiros imigrantes a figurarem no espaço mato-grossense foram os espanhóis, porém tais sujeitos aqui não permaneceram, nem povoaram o lugar em razão das disputas existentes entre a Coroa portuguesa e a Coroa espanhola, além da presença de um forte contingente indígena que entrava em luta sangrenta com estes imigrantes, fatores que os levaram a “desbravar” outras terras, entre os séculos XVI, XVII e XVIII.

Desse modo, o processo de colonização empreendido pelos portugueses também alcançou Mato Grosso, embora nossas terras estivessem firmadas no Tratado de Tordesilhas⁴, o qual delimitava o espaço territorial pertencente tanto a Portugal quanto à Espanha. Assim, embora a parte mato-grossense pertencesse à Espanha, os espanhóis não se defenderam da invasão portuguesa nessas terras, visto que seus interesses se voltaram para outras regiões e até mesmo outros países vizinhos do nosso, o que facilitou a formação territorial que tem hoje o Brasil.

Semelhante ao que aconteceu no restante do país, também se instituiu em Mato Grosso uma Capitania Hereditária, a qual também teve a sua frente um português com

³Fonte:<http://brasilescola.uol.com.br/brasil/imigracao-no-brasil.htm>.

⁴ O Tratado de Tordesilhas, acordo assinado entre Portugal e Espanha, em 07 de junho de 1494, visava a resolver conflitos territoriais entre as duas Coroas em relação a terras descobertas e aquelas a descobrir.

vasta experiência em colonização, especificamente Antonio Rolim de Moura Tavares, responsável por expulsar os missionários espanhóis que resistiam na terra e criar alianças com os indígenas a fim de facilitar os meios de comunicação, além de mudar a capital da província de Pouso Alegre-MG para Vila Bela, primeira capital do Estado, posto sua proximidade com as minas de ouro descobertas no rio Guaporé (JESUS, 2012).

Os trabalhos que tratam da imigração em Mato Grosso nesse período são muitos escassos. De todo modo, sabe-se que essa região teve a presença de espanhóis, era também uma região povoada pelo nativo sujeito indígena, pelo elemento africano nos tempos de extração de ouro nas Minas de Cuiabá, quando o Estado ainda estava vinculado à Capitania de São Paulo e, por fim, governado oficialmente, quando da criação da Capitania de Mato Grosso, por um português que logo trouxe para cá jesuítas portugueses.

Infelizmente, com o declínio da mineração no século XIX, poucos imigrantes se aventuram nessas terras, situação revertida nos anos 90 do século XX. Entretanto, nosso interesse nesse trabalho não é apresentar uma historiografia dessas questões, mas caminhar para o contexto no qual reside nossa pesquisa: a cidade de Cáceres e seus imigrantes bolivianos, sujeitos que firmam, no contato linguístico que estabelecem, atitudes linguísticas, portanto, atitudes sociais.

1.3 A Imigração Boliviana no Cenário Cacerense

Para tratar a questão da imigração boliviana na fronteira Brasil-Bolívia, há que se considerar a permeabilidade dessa fronteira enquanto parte integrante dos países da América Latina, observando-se nesse cenário a questão da integração econômico-regional, fator que vem contribuindo para o aumento dos deslocamentos populacionais nesses espaços fronteiriços, constituindo o que se denomina deslocamentos transfronteiriços (PATARRA, 1994; PELLEGRINO, 1995).

Nesse sentido, apesar da criação do MERCOSUL enquanto estratégia de integração entre os países que compõem esse bloco, a desigualdade acirrada entre os países acaba por contribuir para o aumento de deslocamentos populacionais, ultrapassando, desse modo, os limites políticos-geográficos dos países, reforçando, portanto, os deslocamentos transfronteiriços (BAENINGER, 2012).

Falar dos bolivianos em Cáceres é também considerar o conceito de fronteira, o que significa transitar numa multiplicidade de conceitos, já que esta pode ser pensada como a ligação entre dois países ou o limite que separa a vivência cultural, política e ideológica de sujeitos distintos nesse espaço. As áreas do conhecimento, bem como a literatura que trata do assunto é intensa e diversa, indo das Ciências Sociais às Ciências da Natureza, por exemplo, perpassando, inclusive, as Ciências Humanas.

O conceito de fronteira que nos interessa é justamente aquele em que a fronteira não é pensada apenas como um espaço geográfico e ecológico, mas também como uma unidade econômica, linguística, política e ideológica em que sujeitos se representam e são representados nas e pelas práticas discursivas do cotidiano das relações de poder que se estabelecem nesse espaço.

A fronteira é concebida como “[...] lugar de trocas, do comércio, das inter-relações de pessoas e lugares. É o lugar para onde convergem os fluxos, materiais e imateriais, da sociedade (de gente, de riqueza, de poder, de saber...)” (SOUZA, 2003, p. 33).

Por fim, a fronteira é entendida como uma realidade física e histórica, ligada às experiências espaciais e temporais (fluxos populacionais e econômicos; disputas políticas; conflitos sociais, tensões, consensos entre os grupos sociais; formas de sociabilidade; relações e produções culturais e imaginárias) percebidas e representadas pelos sujeitos que elaboraram as memórias de suas experiências nesse espaço, por meio da produção de diferentes escritas. A fronteira é uma realidade plural e polifônica, em que grupos de poder assumem o controle da identidade que se busca criar, pois os diferentes sujeitos e grupos sociais se apossam desse espaço, o “vivem” e produzem uma imagem oral e/ou escrita que procura explicar a dinâmica própria do construir-se desses grupos sociais no espaço territorial vivido, além de demarcarem o espaço citadino, de um lado ou do outro, enquanto tecido, trama, rede de relações sociais, econômicas, políticas, culturais e simbólicas, pelo viés da hibridização instaurada nos movimentos transfronteiriços.

Como Cáceres é um dos municípios que formavam a vasta fronteira oeste à época do Tratado de Tordesilhas, sua formação nasce enquanto “planejamento estratégico” (ARAÚJO, 2001, p. 84), dados os interesses de Portugal em se apropriar do maior número de terras, utilizando o argumento do *uti possidetis* para firmar, mais tarde, o Tratado de Madri e ter a posse definitiva das terras “desbravadas”. Assim,

A delimitação da fronteira em Mato Grosso está, pois, ligada ao sentido do político e da relação de poder que traçam os limites da soberania portuguesa pelos balizamentos naturais dos rio Paraguai e Guaporé [...] em que o processo de expansão territorial se faz pelo contato e choque de culturas diferenciadas [...] (ARAÚJO, 2012, p. 88).

A fronteira que aqui retratamos é exatamente a da Bolívia com o município de Cáceres, procurando, dessa forma, compreender as dinâmicas que fomentaram a migração de bolivianos para este município. Assim, é preciso entender o cenário boliviano, visto que a Bolívia é um dos países mais pobres da América Latina, contexto no qual 27,7% dos habitantes estão abaixo da linha da pobreza. Seu índice de desemprego chega a atingir 10,2% da população, de acordo com dados do Centro de Estudos para o Desenvolvimento do Trabalho e da Agricultura. Tal índice se deve, segundo especialistas, à baixa escolaridade, uma vez que 14% dos bolivianos são analfabetos (GIRALDI, 2010), fatores que os levam a migrarem para outros países, a exemplo de sua presença no município de Cáceres.

Segundo Souchaud, pesquisador francês que estuda a imigração boliviana em São Paulo e citado por Vilela (2010), os bolivianos que para cá vêm carregam em sua bagagem o sonho de retorno ao país de origem, ou seja, “Eles acabam ficando um ou dois anos e acabam voltando para El Alto, onde a família ficou”, de modo que, quando chegam ao Brasil, sua “[...] meta é trabalhar, juntar dinheiro durante uma temporada, montar um projeto – comprar uma casa, financiar os estudos – e voltar. Tem muito movimento, muitos vão e voltam” (SOUCHAUD *apud* VILELA, 2010).

O município de Cáceres possui, no cenário brasileiro, a segunda maior comunidade de bolivianos, perdendo apenas para o Estado de São Paulo. Como pontuado anteriormente, uma das razões de bolivianos se deslocarem para o país está a fuga da extrema miséria. Segundo *O Globo* (2012), San Mathias, cidade boliviana fronteira com o município de Cáceres, teve sua população reduzida em 30% com a partida de seus moradores em busca de uma vida melhor nas cidades brasileiras, partida que, muitas vezes, ocorre de forma ilegal.

Como estratégia para garantir a cidadania brasileira a seus filhos, muitas mulheres grávidas cruzam a fronteira para ter seus bebês no município de Cáceres, posto que tal situação acaba garantindo o recebimento de bolsa família, além de benefícios junto ao INSS (O GLOBO, 2012), apesar de muitos deles ainda permanecerem no país de origem.

Como o Brasil vem crescendo economicamente e com um mercado de trabalho ainda aquecido em relação à Bolívia, nunca se atraiu tantos imigrantes. Desse modo, como não há restrições para estrangeiros estudarem em escolas públicas, as crianças bolivianas cruzam a fronteira todos os dias para estudar na escola do Exército Brasileiro.

Diante do exposto, passamos a seguir a algumas considerações a respeito do tema aqui proposto, no diálogo com estudiosos que versam sobre as questões das atitudes linguísticas, considerando, para tanto, o lugar de inscrição de nossa pesquisa, a cidade de Cáceres na sua fronteira com a Bolívia.

2. O CONTATO LINGUÍSTICO COMO CAUSA DE ATITUDES LINGUÍSTICAS

Abordar o contato linguístico na sua relação com as atitudes linguísticas requer que determinemos o contexto no qual se insere tais questões, especificamente o campo da Sociolinguística nas suas diferentes abordagens sobre o tema. Além disso, considerando o tema de nosso estudo, ou seja, o contato linguístico como causa de atitudes linguísticas entre cacerenses e bolivianos no município de Cáceres, pontuamos a necessidade essencial de se considerar os processos de ocupação territorial do município, uma vez que um território é o resultado de uma ação conduzida, em que relações de poder se estabelecem por se tratar de uma noção jurídico-política, cujo controle regula-se por uma forma de poder que determina as diferentes normas de um lugar (RAFESTIN, 1993), entre as quais as linguísticas.

2.1 O Quadro Teórico Central

É na abordagem da relação língua e sociedade que a Sociolinguística se insere, ou seja, nas considerações do aparato social constitutivo do homem: a língua e suas inter-relações.

A Sociolinguística, subárea da Linguística, trata-se de uma corrente dos estudos da linguagem que toma como foco a sociedade, entendendo a linguagem como reflexo das estruturas sociais. Ao contrário da Linguística, para essa corrente, a língua não é uma estrutura pronta e acabada, muito menos desvinculada das relações sociais nas quais ela se insere. Desse modo, o homem, como ser constitutivo de linguagem, realiza-a segundo as diferentes situações de uso, o que significa que na língua incidem as variações acarretadas tanto pelo falante, quanto pelo meio social. Nesse sentido, a língua é uma estrutura, porém sujeita às variações. E, é justamente essa variação existente na linguagem o interesse dessa área, cujo objetivo é sistematizá-la, investigar o caos aparente que a circunda.

Retomando as exclusões feitas por Saussure – o homem, o social e o histórico – os primeiros estudos da Sociolinguística figuram em Los Angeles, nos Estados Unidos, em 1964, num congresso organizado por William Brighth na Universidade da Califórnia (UCLA), evento que reuniu vários pesquisadores interessados no estudo dos fenômenos

linguísticos presentes na relação entre linguagem e sociedade. Dentre os principais estudiosos dessa época, encontram-se John Gumperz, Einar Haugen, William Labov, Dell Hymes, John Fisher e José Pedro Rona (ALKMIM, 2003, p.28), pesquisadores que carregam em sua bagagem formação em áreas distintas, porém interessados na relação entre língua e sociedade e nas consequências dessa relação.

A proposta inicial de Bright (1966 *apud* ALKMIM, 2003) para a Sociolinguística é relacionar variações linguísticas e sociais a fim de sistematizá-las, definindo, desse modo, o objeto de estudo da nova área: a diversidade linguística. Para o pesquisador, estudar a diversidade linguística representa considerar, entre outros fatores, os que seguem:

- a) Identidade social do emissor ou falante – relevante, por exemplo, no estudo dos dialetos de classes sociais e das diferenças entre falas femininas e masculinas;
- b) Identidade social do receptor ou ouvinte – relevante, por exemplo, no estudo das formas de tratamento, da *baby talk* (fala utilizada por adultos para se dirigirem aos bebês);
- c) O contexto social – relevante, por exemplo, no estudo das diferenças entre a forma e a função dos estilos formal e informal, existentes na grande maioria das línguas;
- d) O julgamento social distinto que os falantes fazem do próprio comportamento linguístico e sobre o dos outros, isto é, **as atitudes linguísticas** (ALKMIM, 2003, p. 29 – *grifo nosso*).

De natureza dialógica, a Sociolinguística busca contribuições de diferentes áreas para alcançar seus propósitos, entre as quais a Etnologia, a Psicologia e a própria Linguística, posto que:

[...] o novo domínio pretende descrever e interpretar o comportamento linguístico no contexto cultural e, deslocando o enfoque tradicional sobre o código linguístico, procura definir as funções da linguagem a partir da observação da fala e das regras sociais próprias a cada comunidade (ALKMIM, 2003, p. 30).

No cenário dos estudos sociolinguísticos, é o trabalho de William Labov a referência de modelo teórico-metodológico, uma vez que o estudioso trabalhou incansavelmente para que o componente social fosse inserido nos estudos da linguagem, focou a relação entre língua e sociedade e apostou na sistematização da variação constitutiva da língua falada (TARALLO, 1997).

O trabalho que o consagra data de 1963, ocasião em que William Labov publica os resultados de sua pesquisa sobre o inglês falado na comunidade de Martha's

Vineyard, Massachusetts, ratificando, desse modo, a relevância do componente social no estudo da variação linguística. Para entender o comportamento linguístico apresentado pelos vineyardenses quanto à realização de alguns fones do inglês, Labov relacionava a esse comportamento elementos como idade, sexo, ocupação étnica e atitude. De natureza quantitativa, por se utilizar de números e estatísticas na análise e coleta dos dados, a Sociolinguística desenvolvida por Labov ficou conhecida como Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação, graças ao estudo que ele realizou, em 1964, sobre a estratificação social do inglês de Nova York (ALKMIM, 2003, p 30), contexto em que observou o inglês vernáculo de adolescentes negros na região de Harlem.

Preocupada em observar os fenômenos reais de linguagem, a Sociolinguística, em seus procedimentos nos dias atuais, costuma solicitar a seus informantes a produção de narrativas de experiências pessoais, a fim de evitar discursos forçados e superficiais, longe da realidade vernacular do sujeito. Além de considerar a identidade social do falante e do receptor nas suas investigações, também considera a interferência do contexto social no que diz respeito a questões de produção dos estilos formal e informal e, por fim, as atitudes linguísticas produzidas pelos sujeitos quanto à própria fala e à fala do outro nas suas interações sociais. É sobre essas últimas que nosso trabalho conduz suas observações e apontamentos.

As principais noções que norteiam a Sociolinguística são os conceitos de variedade, variação, variável e variante. Assim, a **variedade** diz respeito ao falar característico de uma comunidade, o qual pode ser delimitado considerando, por exemplo, o critério geográfico, a exemplo do que identificamos no nosso país – falar nordestino, falar sulista, falar carioca, etc. Por outro lado, a **variação** corresponde à concorrência de duas formas num mesmo contexto, apresentando o mesmo valor semântico, conforme se observa na utilização do “tu” e do “você” no português brasileiro. A **variável** diz respeito ao lugar gramatical no qual ocorre a variação, ou seja, quando se discute o intercâmbio das formas “tu” e “você”, fazemos referência ao fenômeno de variação na expressão pronominal de segunda pessoa, de modo que, nesse contexto, as duas formas são chamadas de **variantes** (COELHO et.al. 2015, p. 14-19).

Como termos-chave nos estudos sociolinguísticos – variante, variável e variedade – esta última se aplica às formas que estão em processo de variação, em que uma ou mais formas convivem em interação na língua sem incidir mudança de significado, de modo que, como vimos, a um conjunto de variantes dá-se o nome de

variável linguística, ou seja, a forma ou traço representante do próprio fenômeno variável. O emprego das variantes, segundo Labov (2008), não é aleatório, posto que sua ocorrência se deve às influências exercidas tanto por fatores externos quanto internos à língua, incidindo, desse modo, sobre os usos linguísticos, de modo que a **variedade** corresponde, em termos gerais, ao termo **dialeto**, em que esse corresponde a qualquer variedade linguística existente numa dada comunidade (SOUZA, 2015).

2.2 Contato Linguístico e Atitudes Linguísticas

Buscando entender a diversidade que permeia a língua, observando, para isso, a variação presente nas realizações linguísticas de uma determinada comunidade ou grupo, os estudos sociolinguísticos abordam tais questões considerando os contatos linguísticos que se estabelecem na formação de diferentes línguas, posto que qualquer língua sofre processos de empréstimos e interferências, entre outros aspectos, na sua constituição, em decorrência dos processos territoriais de ocupação e formação de uma determinada comunidade.

Isto posto, é preciso considerar que na realização de uma língua em determinada comunidade existem ainda as diferentes manifestações linguísticas, ou seja, diferentes variedades em interação. Assim, quando se pensa a relação entre fala e dialeto, segundo SOUZA (2015), difícil é diferenciar tais elementos, entretanto a tendência é conceber o dialeto como qualquer variedade linguística existente numa dada comunidade ou mesmo no cenário nacional.

De acordo com Monteiro (2000, p. 46), dialeto é

uma variedade subordinada a uma dada língua, que assim seria entendida como a soma de vários dialetos [...]delimitar, determinar, definir uma comunidade de falantes e seu dialeto não é tão simples, já que corre-se o risco de considerar muito mais os fatores sociais que os linguísticos.

Orden (2014), ao estudar o contato de línguas e as transferências léxicas na Patagônia do norte, especificamente na língua ginin a iajich, falada pelo grupo étnico Ginin a Kina, caçadores nômades presentes entre os rios Chubut e o Colorado, em distintos períodos dos séculos XVI e XIX, procurou observar a recorrência, a regularidade e a adaptação de uma série de lexemas nominais provenientes do espanhol enquanto empréstimos na língua ginin a iajich. Na sua investigação, pode constatar:

[...] frente a los préstamos calificados como culturales, más establecidos dentro del repertorio y con una recurrencia en las fuentes, aquellos términos que ya tienen un ítem léxico en la lengua receptora muestran una mayor inestabilidad en su integración dentro del sistema del gĩnĩn a iajĩch y que, si bien se observa una mayor incorporación de préstamos nominales en las fuentes del siglo XX, no se evidencia un comportamiento unidireccional de sustitución léxica sino más bien de coexistencia durante un período atestiguado de, aproximadamente, un siglo de contacto (ORDEN, 2014, p. 138).

Haspelmath (2009, p. 35), citado por Orden (2014, p. 127), define o empréstimo lexical como uma palavra que “[...] en algún momento de la historia de una lengua ingresó en su léxico como resultado de sua adopción”.

Calvet (2002), ao abordar o tema *Línguas em contato*, pontua que, considerando o número substancial de línguas no mundo, toda e qualquer comunidade é plurilíngue, de modo que os contatos linguísticos podem ser observados tanto da perspectiva individual (no caso do bilinguismo) quanto coletiva. Além disso, destaca que os resultados dos contatos constituem um dos primeiros temas abordados pela Sociolinguística. Entre esses resultados, encontram-se os empréstimos e as interferências, em que estas últimas podem ser fônicas, sintáticas ou lexicais, além de possuírem caráter mais restrito, enquanto o empréstimo é visto como um fenômeno coletivo, uma vez que toda língua faz empréstimos das línguas que lhe são mais próximas e frequentes.

No que diz respeito ao plurilinguismo, o autor relata os problemas que daí decorrem. Assim, quando um falante se insere em contexto linguístico diferente do seu, como é o caso de um turista, muitas vezes é obrigado a lançar mão de uma terceira língua comum entre ele e a comunidade local, a chamada língua veicular. Outra situação provocada pelo plurilinguismo é o caso de pessoas que migram para países nos quais a língua é estranha ou pouco conhecida, situação que as levam a assimilar a língua do país que as acolhe, sem, porém, nesse contato, deixar de marcar, na interação social, sua origem linguística. Há aqui uma aproximação de línguas. Uma terceira situação resultante do plurilinguismo é o registro dos *sabirs* e dos *pidgins*, formas auxiliares utilizadas em uma situação de contato.

Estas formas, chamadas *sabirs*, são originalmente utilizadas entre comunidades que não têm língua comum, mas que tem mantêm, por exemplo, relações comerciais. Trata-se de um sistema extremamente restrito: algumas estruturas sintáticas e um vocabulário limitado às necessidades de comunicação imediata. Quando essas formas cobrem necessidades de

comunicação mais amplas e seu sistema sintático se torna mais desenvolvido, fala-se de pidgins, cujo primeiro exemplo é o pidgin que se desenvolveu nos contatos comerciais entre ingleses e chineses ao longo da costa do mar da China, tomando o vocabulário emprestado ao inglês e sua sintaxe ao chinês [...] (CALVET, 2002, p. 42).

Outro aspecto do contato está relacionado às misturas de línguas, às alternâncias e às estratégias linguísticas. No caso da mistura e da alternância, o indivíduo produz enunciados “bilíngues”, ao confrontar duas línguas que utiliza, “[...] um tipo de colagem, de passagem em um ponto do discurso de uma língua para outra [...]” (CALVET, 2002, p. 43). Tais processos de contatos, geralmente, estão relacionados às estratégias linguísticas dos falantes, visto que as razões desse tipo de situação podem ser distintas, ora para zombar ou ironizar alguém, ora como resistência ao falar do outro, o que traduz diferentes significados sociais⁵.

Os estudos sobre contatos de línguas também apontam para um problema de comunicação social, as chamadas línguas crioulas, consideradas por longo tempo línguas inferiores, diferente do que acontece nos dias atuais, em que tais línguas são elevadas à posição de língua oficial, como acontece nas ilhas Seychelles e no Cabo Verde, além de serem utilizadas em caráter experimental no ensino nas Antilhas francesas e no Haiti (CALVET, 2002, p. 55).

Por fim, sobre os efeitos de contatos de línguas, Calvet (2002) aborda a questão da diglossia, a partir da leitura que faz dos estudos de Weinrich, Ferguson e Fishman, pesquisadores que assumem diferentes posições sobre o assunto.

1. Dá-se de maneira geral o nome de *diglossia* à situação de bilinguismo*.
2. Dá-se às vezes a *diglossia* o sentido de situação bilíngue, na qual uma das duas línguas é de status sócio-político inferior [...].
3. Às vezes, chama-se *diglossia* a aptidão que tem um indivíduo de praticar correntemente outra língua, além da língua materna (DUBOIS et al., 1998, p. 190).

Segundo Calvet (2002), Weinrich pontua o bilinguismo como um fenômeno individual, enquanto Ferguson compreende a diglossia como coexistência de duas formas linguísticas numa mesma comunidade, em que uma delas é alta e a outra baixa, além de ser um fenômeno relativamente estável. Por outro lado, são os estudos de Fishman que melhor pontuam o fenômeno, ampliando tal noção, desdobrando-se nos seguintes resultados:

⁵ Para mais detalhes do assunto, ver Calvet (2002).

- Separação do bilinguismo individual (Psicolinguística) da diglossia (fenômeno social);
- Existência de diglossia entre mais de dois códigos sem que estes precisem ter uma origem comum;
- Estabelecimento das relações entre bilinguismo e diglossia, a partir de quatro situações: a) *bilinguismo e diglossia* – conhecimento e uso de duas formas pelos membros de uma comunidade; b) *bilinguismo sem diglossia* – quando indivíduos não utilizam o bilinguismo para fins específicos na sociedade; c) *diglossia sem bilinguismo* – quando se tem dois grupos, em que um fala a forma alta e o outro a forma baixa; d) nem diglossia nem bilinguismo – existência de uma só língua na comunidade.

Registrado seu surgimento no período das Independências africanas, é importante ressaltar que, ao contrário da posição de Ferguson, a diglossia não é um fenômeno estável, principalmente se observarmos que algumas variedades consideradas baixas tornaram-se, num curto período, variedades altas, a exemplo das línguas românicas.

Pensando uma comunidade, queremos aqui ressaltar algumas questões apontadas no estudo de Cox e Assis-Peterson (2007), quando discutem a realidade sócio-linguístico-cultural da cidade de Cuiabá. No diálogo que fazem com diferentes autores a respeito do conceito de cultura, de língua e de variedades, as pesquisadoras apontam que entender uma realidade linguística é também entender a realidade cultural estudada e os desdobramentos que daí emergem.

Nesse sentido, Cox e Assis-Peterson retomam os conceitos de pluralismo cultural, diversidade cultural, multiculturalismo e interculturalidade para relacioná-los aos conceitos de pluralismo linguístico, diversidade linguística, multilinguismo, entre outros que de perto interessam, quando se coloca na investigação da realidade linguística de uma dada comunidade, posto que toda e qualquer comunidade convive em seu solo com diferentes variedades e, no nosso caso, o município de Cáceres é um cenário polifônico, uma vez que apresenta em seu contexto não só diferentes variedades dialetais do português, mas variedades dialetais de outras línguas também.

O município de Cáceres, no recorte que interessa a este estudo, coabita em seu solo a cultura cacerense no contato com a cultura boliviana, posto que é um município fronteiro, em que a fronteira vai além no que diz respeito às questões linguísticas e

também culturais. Em seu solo, diríamos, no diálogo com Cox e Peterson (2007, p. 27), que ocorre uma mestiçagem linguística, uma vez que “[...] coexistem o passado e o presente, o estrangeiro e o nativo, o global, o nacional e o local, o rural e o urbano, o caipira e o cosmopolita, o outro e o mesmo”, fruto do contato intercultural e interlinguístico.

Nesse cenário, a interação entre o falar cacerense e o falar boliviano pode, às vezes, ameaçar a identidade linguística dos falantes, os quais podem se esquecer de sua língua materna, em especial o sujeito boliviano que para cá veio morar. Embora haja a existência do que se denomina pluralismo, diversidade, multiculturalismo, interculturalidade e seus correlatos linguísticos nesse tipo de contexto, tais conceitos, segundo Cox e Peterson (2007), apenas nomeiam a existência de grupos culturais diversos, mas não dão conta das contaminações existenciais nas interações sociais, linguísticas e culturais cotidianas, posto que esse tipo de situação recobre um permanente estado de fluxo, razão que as levam a utilizar um conceito mais global: transculturalidade.

O conceito de transculturalidade já denuncia em seu prefixo - *trans* - a ideia de movimento, deslocamento, um ir e vir, circulação, troca, trânsito, em que esse movimento deixa entrever um tipo de negociação e mudança cultural, não a perda de algo, conforme pontua Hall (2001), citado por Cox e Peterson (2007), ou seja, há o “transportar entre fronteiras”. Além disso, quando se pensa a língua nacional enquanto unidade nesse tipo de situação, a língua figura como uma variável dependente “da articulação entre as estruturas linguísticas e as estruturas sociais (COX; ASSIS-PETERSON, 2007, p. 40).

O contato linguístico presume a interação, a qual é constitutiva de uma dada realidade social, de modo que nenhuma realidade é predeterminada, fixa, sólida, como se pensou durante muito tempo o conceito de língua. Dito de outro modo, em que Cox e Assis-Peterson citam Bortoni-Ricardo (1999) dialogando com Gumperz: “[...] o próprio processo interativo é constitutivo da realidade social e, portanto, as ações não estão inexoravelmente predeterminadas. Podem ser trabalhadas, confirmadas, desafiadas, alteradas ou reinterpretadas pelos atores sociais” (BORTONI-RICARDO, 1999 *apud* COX; ASSIS-PETERSON, 2007, p. 40).

Desse modo, quando se considera uma comunidade linguística, somos remetidos tanto ao conceito de língua quanto às variedades linguísticas que figuram nessa comunidade, o que nos leva a olhar, como fazem Cox e Assis-Peterson, os conceitos de

pluralismo linguístico, diversidade linguística, multilinguismo, bilinguismo, diglossia, ente outros conceitos. Assim,

[...] em termos de *pluralismo linguístico*, acentuamos a presença de muitas línguas [...], mas nada dizemos da natureza outra de cada língua. Quando falamos de *diversidade linguística*, acentuamos a existência de muitas línguas que são diferentes, heterogêneas e frequentemente incomensuráveis. Admitimos que as línguas são muitas e qualitativamente diversas. [...] quando falamos de *multilinguismo*, acentuamos que as línguas são muitas, linguisticamente diferentes, mas igualmente estruturadas, porém desiguais nos limites de uma sociedade. [...] quando falamos de *bilinguismo e/ou diglossia*, acentuamos, sem sair do grupo do multilinguismo, a desigualdade que há entre duas línguas ou duas variedades – uma tida como alta e outra como baixa – usadas dentro das fronteiras de uma mesma comunidade em contextos discursivos diversos (COX, ASSIS-PETERSON, 2007, p.41)

Mas quando olhamos a realidade de Cáceres, pensamos no conceito de *transglossia*, cunhado por Cox e Assis-Peterson, posto que tal conceito agarra “[...] a vida de uma língua em seu estado de fluxo, que nos permita pensá-la como líquido e não como sólido” (COX; ASSIS-PETERSON, 2007, p. 42).

Em nosso percurso, observamos que o contato entre línguas está associado a comportamentos e atitudes, os quais produzem diferentes efeitos sociais na interação entre os sujeitos falantes de uma determinada comunidade. Porém, antes de falarmos desses efeitos, convém que assinalemos o conceito de atitude linguística.

Como um dos temas estudados pela Sociolinguística, a atitude linguística é, na verdade, conceito emprestado da Psicologia Social, mais precisamente do estudo desenvolvido por Lambert nos anos de 1960, em que um grupo de jurados era convidado para definir características de falantes a partir de vozes gravadas. Tal experiência demonstrou que esses jurados avaliavam os falantes a partir da língua e não das vozes, o que exemplifica uma clara questão de atitudes.

Segundo Lambert (1975, p.107), as funções das atitudes se definem como seguem:

As atitudes desempenham papéis importantes na determinação de nosso comportamento. Por exemplo, influem em nossos juízos e percepção dos outros; influem na rapidez e eficiência de nossa aprendizagem, ajudam a determinar grupos a que nos ligamos, as profissões que finalmente escolhemos e até a filosofia que aceitamos.

Oppenheim (1966 apud ALVES, 1979) define atitude como:

[...] uma disponibilidade, uma tendência para agir ou reagir de certo modo quando confrontado com certos estímulos. [...] As atitudes são reforçadas por crenças (o componente cognitivo) e geralmente atraem fortes reações (o componente emocional) que levarão a formas determinadas de comportamento (o comportamento de tendência expressiva).

Estudando as atitudes linguísticas de docentes (não amapaenses) da Universidade Federal do Amapá, Campus do Oiapoque, quanto às expressões *égua e mana* no falar amapaense, Gimenes e Mendes Nunes (2014, p. 164) assinalam que:

As atitudes linguísticas diante do falar do outro reitera o próprio falar de quem julga ou marca o falar do outro como algo que se deseja ou rechaça, definindo a perspectiva do discurso público sobre a língua, o qual é carregado de avaliações e julgamentos de distinta natureza.

Alves (1979), perfilando as atitudes linguísticas de nordestinos em São Paulo, define a atitude como:

[...] um processo, dotado de certas etapas, e não simplesmente como um resultado. Ou seja, a percepção do objeto e a demonstração ativa de um indivíduo, a partir dele e com relação a ele, são precedidas e reforçadas por outros procedimentos: o enquadramento do objeto no sistema de crenças e valores do indivíduo e sua eventual reação emotiva a ele. A tendência para um certo tipo de ação toma-se assim o produto, o resultado final desse confronto (ALVES, 1979, p. 27).

O fato é que a reflexão sobre a técnica utilizada por Lambert serviu aos sociolinguistas para observarem como as atitudes linguísticas exercem influência no comportamento linguístico dos sujeitos, produzindo ora preconceitos, ora segurança/insegurança, atitudes positivas e negativas, ora hipercorreção, questões que Calvet (2002) aborda em sua obra *Sociolinguística: uma introdução crítica*.

Partindo do pressuposto de que as atitudes exercem influências sobre o comportamento linguístico, é preciso considerar que a língua não é instrumento que se usa e se guarda num estojo quando não mais dela precisamos. Sua utilização provoca efeitos preconceituosos, às vezes, em que o conceito de norma produz comportamentos variados, como: a) valorização do próprio falar ou adequação ao falar do outro; b) o outro considerado, de acordo com o falar de quem julga. Além disso, nesse processo, muitas vezes um falante não se sente questionado, o que o leva a considerar sua norma “a norma” ou, o contrário, desvaloriza seu modo de falar por acreditar na existência de uma forma prestigiosa de falar, embora não a pratique. Também pode produzir atitudes

positivas que recaem sobre a ideia de forma legítima da língua, postura relacionada à ordem linguística, mas também social.

Outro fator relacionado às atitudes é o fenômeno da hipercorreção. De cunho social, leva muitos falantes a buscar a “forma” considerada de prestígio, o que, em muitos casos, significa ascensão social e o apagamento da origem do falante, ou a crença de que se domina a “língua legítima”. A hipercorreção é uma demonstração de insegurança linguística, além de poder levar a uma situação de constrangimento, quando julgada por aquele que domina a “forma prestigiosa”. De todo modo,

A hipercorreção e a hipocorreção são *estratégias* que se deixam ler nos discursos, mas que têm uma outra função, uma função social. As circunstâncias de aquisição daquela forma linguística, do controle dessa ou daquela pronúncia só aparentemente são linguísticas. A competência que se encontra por trás desse domínio é uma competência social, assim como são sociais os benefícios que se pode extrair dela (CALVET, 2002, p. 80).

Relacionando as atitudes com o estudo da variação linguística, Labov (1976, p. 190) observou as seguintes situações:

- 1º) a mudança se reduz a uma variação nos discursos de alguns falantes;
- 2º) sofre sua propagação, passando a ser adotada por aqueles que a rechaçavam;
- 3º) realiza-se e alcança regularidade, eliminando formas rivais.

De acordo com Labov (2008), a mudança linguística deve ser compreendida na vida social da comunidade em que ela se produz, visto que sobre a língua incidem pressões sociais, ou seja, a mudança linguística “[...] parece envolver três problemas distintos: a origem das variações linguísticas; a difusão e propagação das mudanças linguísticas; e a regularidade da mudança linguística.” (LABOV, 2008, p. 19)

Nos estudos de Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 13), a seguinte questão é pontuada: “a mudança estrutural não afeta a estruturalidade da língua, isto é, a língua continua estruturada enquanto vão ocorrendo as mudanças, ou seja, se uma língua tem de ser estruturada para funcionar eficientemente, como ela funciona enquanto a estrutura muda?”. Segundo os pesquisadores, a mudança é uma consequência inerente à língua e ocorre no seguinte contexto: “(1) à medida que um falante aprende uma forma alternativa, (2) durante o tempo em que as duas formas existem em contato dentro de sua competência, e (3) quando uma das formas se torna obsoleta.” (WEINREICH, LABOV E HERZOG, 2006, p. 122).

Assim nos aponta Labov (2008): “[...] para o estudo empírico das mudanças em progresso, a tarefa pode ser subdividida em três problemas distintos”.i) observar o ponto no qual uma mudança linguística prosseguiu na sua relação com um estágio anterior, o que implica verificar questões de regularidade sonora, por exemplo, bem como a influência gramatical sobre essa mudança sonora, de modo a verificar progressões e regressões nesse processo, alterações e descontinuidades;ii) identificar a matriz social e linguística da qual a mudança se origina, o que representa descobrir as correlações existentes entre o sistema linguístico e entre esses elementos e relacioná-las ao sistema não linguístico de ordem social. Ou seja, observar a recorrência de variações concomitantes, em que uma mudança na variável independente geralmente é acompanhada por uma mudança da variável linguística numa ordem previsível;iii) verificar nesse processo os correlatos subjetivos das mudanças objetivas constatadas, contexto em que é preciso correlacionar as atitudes e aspirações dos informantes com seu comportamento linguístico, ou, numa perspectiva direta, avaliar as reações subjetivas e inconscientes dos informantes quanto aos valores da variável linguística em análise (LABOV, 2008, p. 193).

Conforme Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 96-97), as coexistências podem ser definidas como “[...] estilos, mas também como padrões, gírias, jargões, jeito antigo de falar (old talk), níveis culturais ou variedades funcionais”, de modo que relacionariam aspectos como: 1) a “mesma” informação semântica dita de diferentes formas, ou seja, apresentaria formas sinônimas; 2) disponibilidade das mesmas formas a todos falantes. Assim, mesmo que uma forma seja usada apenas por um tipo de falante, isso não representa empecilho de interpretação da forma usada por outro falante que não a utiliza, em razão de fatores distintos (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006, p. 97). Além disso, uma variável linguística precisa ter clara suas condições de existência para que seja considerada parte da estrutura linguística, de modo que:

A evidência quantitativa para a co-variação entre a variável em questão e algum outro elemento linguístico ou extralinguístico oferece uma condição necessária para admitir tal unidade estrutural. A covariação pode ser oposta à co-ocorrência estrita, ou a co-ocorrência pode ser concebida como o caso-limite da co-variação. Provas das relações de coocorrência estrita podem emergir, de fato, de uma investigação quantitativa do tipo que oferece provas de co-variação [...] o sistema heterogêneo é então visto como um conjunto de regras co-ocorrentes, enquanto dentro de cada um desses subsistemas podemos encontrar variáveis individuais que covariam mas não co-ocorrem estritamente. Cada uma dessas variáveis acabará sendo definida por funções de variáveis independentes extralinguísticas ou linguísticas, mas essas funções não precisam ser independentes umas das outras. Pelo contrário,

normalmente se esperaria encontrar íntima covariação entre as variáveis linguísticas. (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006, p. 107)

Para explicar a difusão e propagação de uma mudança linguística específica, Labov (2008) propõe a configuração que segue:

1) um traço linguístico usado por um grupo A é marcado por contraste com outro dialeto-padrão; 2) o grupo A é adotado como grupo de referência por um grupo B, e o traço é adotado e exagerado como um sinal de identidade social em reação a pressões de forças externas; 3) a hipercorreção sob pressão crescente, em combinação com a força da simetria estrutural, leva a uma generalização do traço em outras unidades linguísticas do grupo B; 4) uma nova norma se estabelece à medida que o processo de generalização se estabiliza; e 5) a nova norma é adotada por grupos vizinhos e sucessivos para quem o grupo B serve de grupo de referência (LABOV, 2008, p. 60).

Conforme se observa, investigar a questão da mudança linguística requer do pesquisador observar as correlações dessa com o comportamento social e linguístico que a gera, bem como verificar e analisar os desdobramentos que surgem nos processos de implantação de uma variação em curso.

2.3 Alguns Estudos Sociolinguísticos

Muito se avançou nos estudos sociolinguísticos, é fato, porém, quando se trata de temas como dialetos em contato, atitudes linguísticas, as pesquisas ainda carecem de material que lhes abasteçam. No cenário mato-grossense, há um número respeitável de pesquisadores da área, principalmente com a implantação da linha de pesquisa em estudos sociolinguísticos no Programa de Pós-Graduação da Universidade do Estado de Mato Grosso.

Entretanto, estudos específicos que tratem do contato linguístico como causa de atitudes linguísticas, infelizmente, possuem um número bem ínfimo, posto que a maioria dos trabalhos apenas cita o tema, sem, no entanto, abordá-lo de forma profunda. É preciso compreender que a língua não é um fenômeno isolado, muito menos é um sistema estático, mas, ao contrário, trata-se de um organismo vivo sujeito aos reflexos das interações sociais estabelecidas pelos falantes que a utilizam, manifestando seus usos e crenças, seus julgamentos. Dito de outro modo, as atitudes linguísticas têm suas fontes, na maior parte das vezes, em teses, dissertações e artigos, posto que poucas são as obras que as abordam, embora o tema tenha ganhado, nos dias atuais, maior interesse.

As atitudes linguísticas possuem, na verdade, maior abordagem em outras áreas do conhecimento, como na Psicologia social de onde se origina tal conceito, ou mesmo na Etnografia cujo interesse no assunto repousa na relação entre as atitudes linguísticas e os fatores etnográficos, a exemplo do estudo de Saville-Troike (1982), a qual observa as atitudes linguísticas, segundo as especificidades culturais de cada comunidade. Para a pesquisadora, que tratou o tema na sua obra *Etnografia da Comunicação*,

[...] as atitudes linguísticas e as habilidades linguísticas podem ser apreciadas em provérbios ou refrãos que fazem menção a um ato de fala ou silêncio, pelo uso que o membro de uma comunidade faz da linguagem, ou ainda, pelas leis que são estabelecidas por um povo como reguladoras do uso e aprendizagem de uma língua (SAVILLE-TROIKE, 1982 apud GIMENES-MORALIS, 2000, p. 32).

Schlieben-Lange (1993), estudando a relação entre o ocitano e o francês, pontua a existência de um bilinguismo encoberto na região de Bagnal-Sur-Céze, o qual acredita estar relacionado a uma questão de atitude e consciência linguísticas, uma vez que as línguas, enquanto discursos do cotidiano, possuem natureza de ordem tanto descritiva quanto avaliativa, o que justifica o enquadramento desse tipo de pesquisa no rol dos estudos sociolinguísticos. Acreditando na existência de um discurso público sobre a língua, a pesquisadora assim se coloca:

O discurso público sobre língua(s) contém principalmente avaliações, isto é, julgamentos sobre “bonito” e “feio”, “bom” e “ruim”, “eficiente” etc. Mas também contém elementos do saber, como, por exemplo, sobre a distribuição de línguas no tempo e no espaço [...] sobre as situações e tipos de textos, para os quais uma ou outra língua (ou forma linguística) é adequada (SCHIEBEN-LANGE, 1993, p. 95).

Pensando a questão do bilinguismo no cenário brasileiro, Cavalcanti (1999), pontua:

No Brasil, não se pode ignorar os contextos bilíngues de minorias, uma vez que no mapa do país pode-se localizar em uma pincelada não exaustiva: i. comunidades indígenas em quase todo o território, principalmente, na região norte e centro-oeste; ii. comunidades imigrantes (alemãs, italianas, japonesas, polonesas, ucranianas, etc.) na região Sudeste e Sul, que mantêm ou não sua língua de origem; iii. comunidades de brasileiros descendentes de imigrantes e de brasileiros não-descendentes de imigrantes em regiões de fronteira, em sua grande maioria, com países hispano-falantes. Além dessa classificação geográfica, quando se focalizam os contextos bilíngues não se pode esquecer das comunidades de surdos que, geralmente, são criadas em escolas/instituições e que estão espalhadas pelo país (CAVALCANTI, 1999, p. 388).

Além dos trabalhos aqui citados, ainda reiteramos os trabalhos de Labov (1964) e o de Alves (1979), anteriormente citados, para, a partir de agora, apresentarmos outros estudos no cenário brasileiro e regional, que direta ou indiretamente abordam a questão, a exemplo de Ferreira e Cardoso (1994) que, ao tratarem questões pertinentes aos estudos dialetais, pontuam que “os falantes de uma mesma língua, mas de regiões distintas, têm características linguísticas diversificadas e se pertencem a uma mesma região também não falam da mesma maneira tendo em vista os diferentes estratos sociais e as circunstâncias diversas da comunicação” (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p.12).

Por outro lado, Ramos (1997) discute em sua pesquisa *Avaliação de Dialetos Brasileiros: sotaques* diferentes atitudes que falantes de cinco Estados brasileiros apresentam diante de determinados sotaques, incluindo em seus estudos falantes dos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Paraíba.

No cenário mato-grossense, a referência nos estudos sobre atitudes sociolinguísticas é o trabalho de Bisonoto *Atitudes sociolinguísticas: efeitos do processo migratório* (2000), no qual a pesquisadora investigou as atitudes linguísticas dos moradores de Cáceres, falantes nativos ou migrantes que para o município se deslocaram há algum tempo, constatando a estigmatização sobre o falar cacerense, postura assumida tanto pelo cacerense quanto pelo migrante, fator que encaminha para um possível desaparecimento do falar nativo. Suas análises pontuam que tal estigma é motivado por um preconceito bilateral, ou seja, de um lado, oriundo do migrante, que assume um lugar de dominação sobre o nativo, de outro, da atitude negativa do nativo diante do próprio falar, enquanto estratégia de defesa contra as pressões sociais e econômicas. Tal cenário, para Bisinoto, contribui para “redesenhar uma sociedade, alterando seus valores, suas crenças, sua ambiência social e física”.

A pesquisa de Gimenes-Moralis (2000) *Dialetos em Contato: um estudo sobre atitudes linguísticas* buscou verificar algumas atitudes dos falantes de Alto Araguaia-MT em relação à: 1) sua fala e a fala dos distintos grupos linguísticos que convivem juntos na comunidade e, 2) o papel que a linguagem desempenha na vida profissional dos indivíduos, apontando, desse modo, como o convívio entre diferentes dialetos prepara o discurso sobre si e sobre o outro.

Em relação ao primeiro tópico, Gimenes-Moralis observou que, com exceção do baiano, os grupos avaliam positivamente sua própria fala. Além disso, verificou que o

araguiense se identifica com o goiano “instituído assim, ao falar araguiense um lugar de pertencimento e semelhança com o Estado de Goiás”. Quanto à fala dos demais grupos, as opiniões divergem um pouco, posto que, enquanto o araguiense avalia negativamente o falar gaúcho e positivamente o paulista, o goiano, ao contrário, avalia negativamente o falar paulista e positivamente o gaúcho. No tocante ao segundo tópico, ou seja, sobre o papel da linguagem, as atitudes dos falantes revelam que o papel da linguagem é o de manter a interlocução, e as interações ocorrem, portanto, de acordo com os interesses de cada ocupação.

O trabalho de Macedo-Karim (2012) *A comunidade São Lourenço em Cáceres-MT: aspectos linguísticos e culturais* discute usos e atitudes linguísticas relacionadas ao falar da comunidade São Lourenço, na região periférica do município de Cáceres, a fim de observar aspectos linguísticos e culturais dessa comunidade cujo foco residuiu nas variantes linguísticas em seus aspectos fonológico, morfossintático e lexical, os quais demonstraram marcas muito particulares do falar próprio da comunidade estudada, a exemplo: “o uso do masculino em vez do feminino na concordância nominal; realizações africadas [tS] e [L] em vez das fricativas [S] e [Z] alternância do ditongo [ãW] e [õ], bem como peculiaridades lexicais do falar local, como as formas tchô e tchá para senhor e senhora” (p. xi).

3. A ORGANIZAÇÃO DA PESQUISA

Para a pesquisa aqui proposta, lançamos mão dos métodos aplicados para o tratamento de questões sobre atitudes linguísticas. Desse modo, a fim de analisar as atitudes linguísticas provenientes dos dialetos em contato de bolivianos e cacerenses, utilizamos como ferramenta de trabalho e de coleta de dados a confecção de um questionário-guia que nos possibilitasse ter a visão do cenário de estudo. É importante ressaltar que não há um modelo metodológico pronto e acabado, quando se trata do estudo de atitudes linguísticas, o que nos levou a adequar nossos instrumentos a partir das teorias sociolinguísticas que se afinam com o tema aqui abordado.

Nesse sentido, se atitudes linguísticas podem ser definidas como reações que um indivíduo demonstra diante de formas linguísticas usadas por outros falantes e até por ele próprio (HILGEMANN,2004, p.14), essas reações nascem das concepções linguísticas internalizadas no indivíduo, concepções essas que se moldaram pouco a pouco, durante as interações sociais.

Desse modo, a partir de um questionário-guia abarcando as questões de nosso estudo, fomos a campo entrevistar lojistas bolivianos em contato direto com brasileiros, na cidade de Cáceres-MT, lembrando que uma entrevista face a face com o informante requer do pesquisador a criação de um ambiente de descontração, para que o entrevistado se sinta à vontade. Porém, o pesquisador não deve perder o foco da base da entrevista.

A criação do questionário-guia da entrevista foi elaborada a partir do estudo desenvolvido por Gimenes-Moralis (2000), Macedo-Karim (2012) e Alves(1979), focalizando, portanto, perguntas centrais e perguntas periféricas. As primeiras tiveram como foco a observação das atitudes linguísticas de nossos informantes em relação a sua própria fala e à fala do outro, ao passo que as segundas buscaram descontrair o informante. A amostra desta pesquisa constituiu-se com o número de dezesseis informantes sendo oito nativos e oito imigrantes da Bolívia, levando em consideração os fatores, sexo, idade e escolaridade.

Embora a pesquisa sociolinguística seja conhecida por seu aspecto quantitativo, nosso estudo se enquadrou numa perspectiva qualitativa, sem, contudo, menosprezar os dados quantitativos, quando esses se fizeram necessários em nosso estudo.

A pesquisa qualitativa atesta em seu aparato sua vigência na realidade histórica e

social, de modo que, embora seja mais viável e palpável tratar da quantidade, já que a qualidade escapa as nossas palavras, isso não significa que a qualidade não possa ser abordada e, portanto, estudada e analisada. Também não representa assumir uma postura radical de polarização da quantidade e da qualidade, como se uma fosse a perversão da outra, posto que tais polos se necessitam (DEMO, 1991).

Ademais, a pesquisa qualitativa é descrita por Bogdan e Biklen (1994), como aquela que envolve a obtenção de dados descritivos, colhidos no contato direto do investigador com a situação estudada, de modo que o pesquisador qualitativo preocupa-se muito mais com o processo do que com o produto, a fim de retratar a perspectiva dos participantes, o que significa estudar a realidade em seu contexto natural tal como esse acontece, procurando dar sentido ou interpretação aos fenômenos, segundo os significados inscritos no contexto estudado. Dito de outro modo, pensando o comportamento e a experiência humana, tenta compreender o processo mediante o qual os sujeitos constroem significados e descrever tais significados.

Entre as várias formas que a pesquisa qualitativa pode assumir, temos o estudo de caso, a etnografia, a fenomenologia, entre outras. Nesses contextos, o pesquisador qualitativo leva em consideração a relação da parte com o todo e, para controlar a investigação, não os informantes, delimita a matéria de estudo.

Para a definição dos critérios de inclusão da amostra básica desta investigação, seguimos os critérios:

- a) que os informantes tivessem nascido na cidade de Cáceres, e na Bolívia;
- b) que pertencessem às faixas etárias de 25 a 35 anos; e acima de 45 anos,
- c) que os indivíduos nativos não tivessem saído de Cáceres ou que não passassem mais de seis meses fora do município, nos últimos cinco anos;
- d) que os indivíduos bolivianos não tivessem saído de Cáceres ou que não passassem mais de seis meses fora do município nos últimos dois anos.

A amostra foi construída por 16 indivíduos da seguinte forma:

Sujeitos da Pesquisa	Nacionalidade	1ª Faixa etária 25 a 35 anos	2ª Faixa etária acima de 45 anos	Total Geral
Sexo Masculino	<i>Brasileiro</i>	2	2	16
Sexo Feminino		2	2	
Sexo Masculino	<i>Boliviano</i>	2	2	
Sexo Feminino		2	2	
Total		8	8	

Tabela 1: A amostra básica

Fonte: A autora

Após as entrevistas, foram feitas transcrições das falas. Posteriormente, descritos o falar cacerense e boliviano, buscando compreender e analisar a formação das diversidades linguísticas encontradas. Nesta análise, os resultados esperados apareceram de forma sistemática, no entanto, por se tratar de uma análise sociolinguística, os dados podem ser considerados variáveis, sobretudo ao longo do tempo.

Para garantir a fidelidade dos dados, as entrevistas foram cuidadosamente transcritas, o padrão de transcrição utilizado foi o sugerido por Gimenes-Moralis (2000), e Macedo-Karim (2012). O levantamento das ocorrências do tópico analisado foi feito diretamente nos textos orais e também após a digitação dos textos escritos da transcrição das entrevistas. Nesta transcrição, buscou-se preservar ao máximo as características da fala dos informantes, no nível fonológico e da morfossintaxe.

Por fim, para melhor identificarmos nossos informantes, apresentamos a tabela a seguir com o perfil sociocultural deles, ressaltando que, embora tivéssemos proposto entrevistar quatro informantes do sexo masculino em cada nacionalidade, tal situação não foi possível efetivar no caso dos informantes bolivianos, contexto em que o sexo feminino predomina entre eles:

IDENTIFICAÇÃO	SEXO	IDADE	ESCOLARIDADE	ATIVIDADE
CACERENSE 1	Masculino	32	2º grau	Comerciante
CACERENSE 2	Masculino	55	Ensino fundamental	Comerciante
CACERENSE 3	Feminino	60	Ensino fundamental	Comerciante
CACERENSE 4	Masculino	32	2º grau	Funcionário
CACERENSE 5	Feminino	45	2º grau	Comerciante
CACERENSE 6	Masculino	30	2º grau	Funcionário
CACERENSE 7	Feminino	35	Ensino fundamental	Funcionária
CACERENSE 8	Feminino	21	2º grau	Funcionária
BOLIVIANO 1	Feminino	27	2º grau	Funcionária
BOLIVIANO 2	Feminino	34	2º grau	Comerciante
BOLIVIANO 3	Feminino	53	2º grau	Comerciante
BOLIVIANO 4	Feminino	46	2º grau	Comerciante
BOLIVIANO 5	Feminino	38	2º grau	Funcionária
BOLIVIANO 6	Masculino	58	Ensino fundamental	Comerciante
BOLIVIANO 7	Masculino	55	Ensino fundamental	Funcionária
BOLIVIANO 8	Feminino	43	Ensino fundamental incompleto	Comerciante

Tabela 2: Perfil sociocultural dos informantes

Fonte: Dados da autora

Quanto à faixa etária proposta nesse estudo, esse foi um dos percalços enfrentados pela pesquisadora, posto que não conseguimos atender a esse quesito,

embora acreditemos ter atingido a proposta central: analisar as atitudes linguísticas dos falantes cacereenses e dos falantes bolivianos.

4. NOSSA ANÁLISE: ATITUDES CONSTATADAS

O presente trabalho cujo objetivo foi analisar atitudes linguísticas como resultado do contato linguístico entre cacerenses e bolivianos procurou analisar tais atitudes entrevistando lojistas e seus funcionários, tanto os que são brasileiros quanto os bolivianos. Em nosso estudo, buscamos averiguar como esses informantes avaliam a própria fala e a fala do outro, ou seja, registrar seus julgamentos, movimento que toma como referência o próprio falar para avaliar o outro, em muitos casos aqui estudados.

Considerando o contexto desse tipo de pesquisa, ressaltamos que entrevistador e entrevistado são conduzidos ao lugar do “discurso público sobre a língua” (SCHLIEBEN-LANGE, 1993). Desse modo, observamos que nossos informantes expressam suas opiniões sobre a própria fala e o falar do outro, a partir de pares como “agradável/desagradável”. Além disso, o lugar ocupado pelos nossos informantes, ao expressarem suas opiniões, é um lugar global, um todo homogêneo, em que sua opinião é colocada como sendo a opinião de todo cacerense, por exemplo, independente de idade, sexo ou faixa etária.

Tal como apontado no estudo de Gimenes-Moralis (2000), nosso informante, para falar sobre seu falar, também o faz a partir do outro, o que deixa entrever a prática incomum de olhar para si, só o fazendo, quando referenciado no outro, marcando, desse modo, as diferenças e semelhanças entre os falares avaliados.

Ademais, os julgamentos que nossos informantes apresentam sobre os falares em pauta são, em sua maioria, generalizados, posto que não há uma definição clara, mas apenas julgamentos do tipo “engraçado”, “estranho” “acelerado”.

Nesse sentido, procurando dar uma ordem didática às nossas análises acerca das atitudes linguísticas manifestadas por nossos informantes, apresentamos, primeiramente, as atitudes dos cacerenses, para, na sequência, apontarmos o olhar dos bolivianos sobre a própria fala e sobre o falar cacerense.

Por fim, buscamos, ainda, apresentar, na perspectiva de nossos informantes, o papel que a linguagem ocupa nas suas atividades ocupacionais.

4.1 Falar Cacerense

Para pontuarmos a tomada de posição do informante cacerense, nosso foco primeiro foi a análise das perguntas centrais, as quais apresentam nosso objetivo maior, as atitudes linguísticas, mas, nem por isso, deixamos de apreciar as perguntas periféricas, criadas para descontrair o informante durante a entrevista, posto que muitos apontamentos feitos nesse tipo de pergunta acabam por fortalecer as atitudes linguísticas apresentadas.

Seguindo a ordem em que as perguntas foram realizadas, a primeira pergunta central procurou saber: 1. *As pessoas ricas e pobres de Cáceres falam da mesma maneira?*

A esta pergunta, os julgamentos que o cacerense faz a respeito da língua⁶ o conduzem para o lugar das diferenças sociais e econômicas, em que o rico, devido ao acesso à educação escolar mais elaborada, acaba produzindo um falar misturado, fruto das suas relações com os que são de fora, deixando entrever, embora não nomeie, a importância do elemento externo para a produção de uma fala diferente da dele. Nesse sentido, para marcar a sua própria fala o faz na avaliação do falar do outro. Embora admita que o sotaque seja forte, independente da classe social, as pessoas ricas e pobres não falam da mesma maneira, conforme observamos na fala de **Cacerense1, 3, 4, 6, 7:**

(1) *Não, mas o sotaque é forte, independente da classe social. Não falam da mesma maneira. O mais humilde fala arrastado, mesmo. Do jeito que era falado pelos ribeirinhos, os mais ricos que já tem influência de estudo mistura o sotaque daqui com o sotaque de fora.*
Cacerense1

(2) *Fala não. Não sei te falar bem como é. mais fala não. Os ricos daqui num gosta nem dos pobres entendeu? eles já tem escola ai fala mais bonito entendeu?*
Cacerense3

(3) *(risos) falam não. Os mais velhos como minha mãe, meus avós falam bem cacerense mesmo. Já eu estou perdendo o sotaque já.*

⁶ Nas análises do falar cacerense, a língua está sendo entendida como um dialeto nesse contexto na sua relação com a unidade maior – o português.

*Mais acho que seja o convívio com pessoas de outros lugares***Cacerense4**

(4) *Não. Porque os ricos nunca se misturam com o pobre, e o jeito de falar é diferente, né? Porque tem a parede igual eu mesmo, eu fui criado com diferença já. Olha meus irmãos, eles já não tem sotaque nenhum de cacerense, porque já estudaram, já viajaram bastante, já moraram em outros lugar, em outras cidades. Eu não, eu fui nascido e criado aqui mesmo, juntos com os nativos. No meio da gurizada, eu sou o único que tenho sotaque cacerense.* **Cacerense6**

(5) *Não. Os ricos ficam tentando mudar o sotaque cacerense. Os pobres não, eles falam do jeito que é mesmo. Na verdade, os ricos ficam tentando diferenciar.* **Cacerense7**

Por outro lado, para **Cacerense 2, 5, 8**, a opinião diverge, como se observa em:

(6) *Pra mim eles falam da mesma maneira [...] expressam a mesma coisa mesmo. Não tem diferença do expressamento deles.***Cacerense2**

(7) *Do modo geral sim, todos falam com sotaque.* **Cacerense5**

(8) *Se for cacerense fala. Pode ter pós-graduação, pode saber ser um empresário, que falam do mesmo jeito. Tudo igual.* **Cacerense 8**

Para Cacerense2, não há que se falar de diferenças, uma vez que todos são iguais, quando o quesito é a forma de falar, de **expressamento**. Há um discurso de homogeneidade e reconhecimento de uma identidade que se marca nesse falar, ou seja, há a afirmação de uma identidade linguística aqui, o que remete à homogeneidade, à unidade de língua nacional existente no imaginário social dos falantes.

De modo geral, as atitudes ou julgamentos apresentados pelos informantes atestam a existência de diferenças entre os falares de ricos e pobres, acentuando a marca

do falar cacerense pelo sotaque, independente de classe social, às vezes. Dois informantes chamaram atenção para o apagamento do falar cacerense pela geração mais nova, justificando que isso ocorre pelo contato linguístico com pessoas vindas de outras regiões, em que o elemento externo é responsável por esse “apagamento”. Uma informante também observou que o rico busca apagar essa marca, enquanto o pobre a preserva: *Os ricos ficam tentando mudar o sotaque cacerense. Os pobres não eles falam do jeito que é mesmo (Cacerense 4)*

Quando perguntamos em 2 *Que impressão lhe causou o falar boliviano quando o ouviu pela primeira vez?*, nossos informantes apresentaram as seguintes atitudes:

(9) **Espanto**. *Não entendia nada (risos). Até hoje entendo pouquíssimo. A gente parti pra mímica, tenta mostrar o que faz, vira gago (risos), tenta falar alto pra falar com eles. Cacerense1*

(10) *Ah, eu achei a expressão assim mesmo tempo **bonita** mesmo tempo assim bem **rápida** né? A gente que expressa assim se torna... Se o cara não presta atenção mesmo num consegue entender. Brasileiro mesmo num sabe, assim num entendi o que é falar o modo deles. Cacerense2*

De modo geral, os informantes Cacerense1 e Cacerense2 avaliam o falar boliviano positivamente. Embora o informante Cacerense1 ateste ter se surpreendido a primeira vez que ouviu esse falar e não entender quase nada dele até hoje, em nenhum momento o deprecia, mas, ao contrário, tenta todos os meios de comunicação social para estabelecer uma interação comunicativa com o boliviano, mesmo as formas tidas como as mais engraçadas. É a linguagem corporal que exerce aqui o papel de língua veicular (CALVET, 2002) entre esses falantes.

O Cacerense2 considera o falar boliviano uma expressão bonita, apesar de rápida, assumindo o lugar da tolerância para com o outro nas interações comunicativas. O contato entre línguas está associado a comportamentos e atitudes, os quais produzem diferentes efeitos sociais na interação entre os sujeitos falantes de uma determinada comunidade. Os demais informantes não destoaram dos recortes aqui apresentados,

classificando o falar boliviano como “rápido”, “normal”, “legal”, “estranho” e “confuso”.

(11) *Eu era pequena não entendia nada. Mais a gente se acostuma com tudo, né? Eles falam rápido demais. Até hoje não entendo nada. (risos). Cacerense3*

(12) *Para mim, normal, porque fui criado no meio deles. Convivo com eles aqui a semana toda. Tenho um monte de vizinhos bolivianos. Cacerense4*

(13) *Eu gostei, achei legal. Cacerense5*

(14) *Estranho, né? Não entende nada, a primeira vez fiz gestos, mímicas, quase plantei bananeira e nada. (risos). Tive ajuda por intermédio de outras pessoas. Tipo minha esposa, na época ela era minha namorada, ela entende tudo e me ajudava. Cacerense6*

(15) *É, como eu posso explicar? Eles estando aqui no Brasil, como podem falar tudo enrolado, até as crianças falam assim, ninguém entende nada. Quando ouvi disse: meu Deus do céu, o que é isto? Cacerense7*

(16) *Eu fiquei assim um pouco confusa, né? Porque a minha mãe sempre falava em casa, só que ela misturava sempre as palavras. Numa frase ela colocava sempre uma palavra em castelhano, até quando eu era criança também misturava. Eu fui pra escola falando as duas línguas(risos) e aí quando eu vi eu estava muito confusa. Mais fala na verdade nem chegava perto, arranhava só. (risos). Cacerense8*

Em 3, *O que as pessoas de fora mais estranham nos bolivianos: a fala, a comida, o comportamento? Por quê?*

(17) *A comida e o comportamento. A comida é muito diferente que se você viaja para lá é bem diferente lá sim. Você vê a grande diferença entre classes. É assim, quem é pobre vai sempre nascer e morrer pobre e rico vai ser sempre rico. Cacerense1*

(18) *Ah, geralmente é a fala, né? A fala e a comida deles são assim tudo misturada, né? É, a fala é bem rápida. Cacerense2*

Os apontamentos em 3 reafirmam a “rapidez” existente no falar boliviano, visto que o informante Cacerense1 não considerou a fala um estranhamento, ao frisar apenas o comportamento e a comida boliviana. Porém, os demais informantes apontam a fala como o elemento de maior estranhamento em relação ao boliviano, em que a “rapidez” é a marca desse estranhamento. Desse modo, **estranhar** pode levar a uma postura de resistência cultural, logo também linguística, diante do falar do outro, uma vez que **estranhar** atua como sinônimo de admiração, surpresa, mas também de não adaptação, sentir-se incomodado com algo.

(19) *Tudo. Tudo. tudo. [...] eles fala correndo demais. Cacerense3*

(20) *A fala, mesmo [...]Cacerense4*

(21) *Acho que a fala, né? É que todos prestam atenção de primeira. Porque quando eles estão entre eles só falam a língua deles [...]. Cacerense5*

(22) *A comida, né? A comida e a fala [...]Cacerense6*

(23) *Eu percebi muito a fala e a comida, né? Cacerense8*

Há que se ressaltar que ao dizer que a fala do boliviano é “misturada”, o informante Cacerense2 aciona a memória de “pureza” para seu falar, ou seja, sem mistura, quando a realidade social de uma comunidade é sua composição pelos traços do pluralismo, da diversidade, do multilinguismo, etc (COX; ASSIS-PETERSON, 2007).

Para 4, contexto em que perguntamos *Você acredita que, estando em outro lugar, as pessoas possam saber de onde você é simplesmente pela maneira como você fala? Por quê?*, os seguintes apontamentos foram expressos:

(24) *Sim. Principalmente aqui os cacerenses, os poconianos. São os dois. E os de Cuiabá. São os três mais forte sotaque que teme são totalmente parecidos. Só que pra quem fala, mais pra quem ouve que é de fora já sabe que o sotaque é de outra região. Mas eu também sei identificar se as pessoas são de outra região, tipo o nordeste, pelo sotaque. Cacerense 1*

(25) *Sim, sim, porque pelo motivo do cacerense fala dele é conhecido aqui no Mato Grosso. Quando a gente vai pra fora, pro Nortão, tipo Sorriso, Sinop pra passear, eles identifica. E nois identifica a fala deles também. É bem tudo gaúcho, A fala cacerense é bem diferenciada sim. Cacerense2*

Em quatro, observamos o informante Cacerense1 aproximar seu falar de outras regiões como forma de pertencimento e identificação com os falares poconeano e cuiabano, para marcar seu sotaque como traço distintivo das demais regiões, ou seja, daqueles que o ouvem. Também assinala sua capacidade de distinguir, avaliar, julgar outras pessoas pelo sotaque, restringindo as pessoas nordestinas. Já o Cacerense2, assinala o falar cacerense com uma marca particular e conhecida no Estado inteiro: *A fala cacerense é bem diferenciada sim*, fator que, segundo o informante, facilita a identificação de seu falar, desdobrada, conseqüentemente, na identificação de sua própria cultura.

Ainda sobre a questão acima, há informantes que afirmam o falar cacerense em razão de suas expressões típicas, a exemplo de “vôte”. Também reforçam a marca característica desse falar - “sotaque forte”, bem como assinalam o elemento externo como responsável pelo “desaparecimento” desse falar, como em: *“eu perdi o sotaque, porque viajo muito”*.

(26) *Nem sempre. Tem pessoas que acha que eu sou de Poconé. Não entendo isso bem. Eles fala muito diferente, eles fala parecendo o*

povo de Cuiabá. Os Cacerenses, não. Mais depois acostuma, viu?
Cacerense3

(27) *Acredito que não. Porque não tenho mais o sotaque tão marcante que temos. Porque já não mora a muito tempo com meus pais que ainda tem o sotaque. Cacerense4*

(28) *Eu..... não. Porque já perdi o sotaque de tanto viajar, eu viajo muito para comprar as coisas da loja. Mais meus pais e irmãos, as pessoas perguntam para eles se eles são cacerense (Risos). Cacerense5*

(29) *Acredito, porque eu fui pra Sorriso uma vez aconteceu um fato comigo, lá tem muitos maranhenses, e baianos, e como meu sotaque é forte, mesmo eu não sendo de Cuiabá, eles me chamavam de cuiabano. Cacerense6*

(30) *Sim, todo mundo percebe logo. De seis irmãos, só eu e o caçula puxamos, falamos cacerense, mesmo. Cacerense7*

(31) *Eu acredito sim, porque tem algumas coisas que a gente fala que eles ficam assim. O que é isto? Tipo VÔTE! Eles perguntam o que é vote, chuva, djeito, peti, eles não identificam quando adjente fala. Cacerense8*

Como pensado por Hall (2001), citado por Cox e Assis-Peterson (2007, p. 36), acerca do contato entre culturas, “[...] não há perda ou assimilação, mas negociação e mudança cultural”, o que se estende para o caso das línguas e suas variedades, visto que são transformadas pelos seus usuários.

Em 5, Você acha que a fala cacerense está desaparecendo? Por quê?

- (32) *Não, eu não. Não dentro de Cáceres. Tem tipo assim, eles estão **maquiando** a fala, não desaparecendo. Tem cacerense que começa falando cacerense e termina falando carioca. **Cacerense1***
- (33) *Eu por minha vista **não está desaparecendo nada**. Porque gente vai nascendo e crescendo. Aqui nessa região não desaparece não. A fala vai permanecer sempre a mesma, porque ele vai conviver aqui em Cáceres com gente que fala e expressa cacerense, Aí não tem como ir desaparecendo não. Eles vai aprendendo passo a passo com a gente, entendeu? Ela não vai desaparecer agora não.É muita gente nascendo e essas crianças que é filho de cacerense mesmo não vai deixar desaparecer esse **palavreado**. **Cacerense2***
- (34) *Está não. Porque a cidade tá grande viu. E é muita gente que nasce. Agora que a djente vê os cacerenses falando bem cacerense, mesmo. **Cacerense3***
- (35) *Ainda não. Mais vai. Porque já diminuiu muito o falar daqui. Muitas pessoas indo e vindo, saindo pra estudar. Aí muda, né? **Cacerense4***
- (36) *Porque eu acredito que depois que começou vir outras pessoas de fora para cá, eles começaram a reparar na nossa fala. E algumas pessoas por vergonha desse jeito rápido de falar está mudando, digo, assim camuflando ou tentando mudar mesmo, entendeu? **Cacerense5***
- (37) *Está sim. Por causa das misturas de raça, e outros tem vergonha de falar cacerense mesmo, por exemplo, quando vai falar com alguém da justiça, eles modificam a fala ou tenta puxar um outro tipo de sotaque, ou uma outra fala pra mostrar que é estudado, entende? **Cacerense6***

(38) *Sim, está sim. Eu acho que é a mistura de outras raça,né? Só os antigos que falam cacerense mesmo, e está se acabando. Daqui uns dias só nos livros vai esta a fala cacerense e cuiabana. Acho que o povo tem vergonha de falar. Porque é um falar diferenciado dos outros lugares, né? Acho que é isso mesmo. Cacerense7*

(39) *Eu acredito que não. Pra quem é filho de pai emãe cacerense, eu acredito que não. Cacerense8*

Tomando a expressão **maquiando**, somos levados a entender que o falar cacerense tem se alterado, mudado, segundo nosso informante Cacerense2, dadas as relações sociais entre sujeitos distintos, a exemplo do falar carioca, marca de influência no comportamento linguístico do cacerense. Entretanto, maquiar algo produz o sentido de mascarar, disfarçar (AURÉLIO, 1999, p. 1279), o que talvez se justifique pelas pressões sociais e econômicas que esse sujeito sofre no dia a dia (BISINOTO, 2000). O informante Cacerense2, classificando seu falar como um **palavreado**, não acredita no desaparecimento dele, inscrevendo-se no lugar da resistência e da perpetuação desse dialeto pelas demais gerações, bem como inscreve, também, seu falar no reduto do município de Cáceres, um falar que não ultrapassa fronteiras.

Pensando o termo palavreado “conjunto de palavras com pouco ou nenhum nexos de importância” (AURÉLIO, 1999, p. 1476), verificamos que o informante Cacerense 2, apesar de se inscrever num lugar de resistência, inscreve o falar cacerense, na verdade, num lugar irrelevante, mesmo que não tenha consciência disso.

Se alguns informantes acreditam no não desaparecimento do falar cacerense, há outros informantes que afirmam este desaparecimento cujo fator principal está relacionado com a interação linguística com pessoas de outros lugares ou mesmo se deve ao fato do cacerense ir para fora estudar, o que **alteraria** seu falar, ou seja, ocorre mudança.

Para 6, *E qual é a língua mais bonita/agradável? O português ou o castelhano?*

(40) *O português (silêncio). É porque você, tipo assim, vê até as músicas por aí em toda cultura deles. Eles falam **rápido** e cantam*

*muito **acelerado**, entende? Independente, eu prefiro português. É a língua mais agradável. Cacerense1*

(41) *O português, né? Ele é o mais bonito. Eu acho. Cacerense2*

(42) *É o português, né? Porque aqui só os bolivianos que falam, fala assim. Nós cacerense fala tudo igual. Então, a nossa fala é a mais bonita. Cacerense3*

(43) *(risos) o português, né? Com certeza o português. Cacerense4*

(44) *O português, sem dúvida nenhuma. Cacerense5*

(45) *O português. Cacerense6*

(46) *O português, né? Com certeza o português. Apesar de ser cacerense é minha língua, né? E eu entendo. Cacerense7*

(47) *Olha eu me identifico mais com o português, né? Oir estar inserido aqui, mais eu acho o casteliano uma língua interessante. Se eu conseguisse conciliar as duas igual minha mãe, que apesar do tempo que está aqui e ainda consegue falar com meus parentes e meus tios. E quando ela não lembra uma palavra, ela pergunta principalmente pro meu tio que veio a pouco tempo da Bolívia e está mais fluente, né? Mais essa coisa de conseguir conviver com duas línguas e ao mesmo tempo entender as duas é magnífico. Cacerense8*

A avaliação positiva que os informantes fazem do português é conduzida pelo lugar de avaliação do falar do outro, ou seja, é desse lugar de um falar **rápido** e **acelerado** do outro que sua língua é definida como mais *agradável*, adjetivo intensificado pelo advérbio de intensidade *mais*, em que o *mais* não representa a negação/depreciação do castelhano, mas um lugar particular do português para o nativo,

ou seja, sua língua materna. O que verificamos em 6 é um “saber sobre a língua” ou um “discurso público” sobre ela, pois:

Se um membro de uma comunidade de fala se manifesta por qualquer razão sobre sua língua ou sobre as línguas ou formas linguísticas que concorrem no seu mundo cotidiano, observa-se, então, nas suas enunciações a penetração de elementos dos dois lados acima esboçados: de um lado, esse falante explicita seu saber, que se baseia na sua prática e nas suas experiências, ao mesmo tempo que é fundador delas; de outro lado, ele repete elementos do discurso público (ou inclusive com ele concorrendo), discurso, aliás, que tem um existência autônoma (SCHLIEBEN-LANGE, 1993, p. 95-97).

Em 7, (*Se o português é mais bonito*), cite exemplos do que você acha feio no castelhano.

- (48) *Sei lá. O que eu acho não é feio, é **estranho**. É o jeito deles falar **rápido**, o rápido assim **imendar**, parece uma frase é uma palavra. Eles **falam cantado** mesmo, **arrastado**, parece **cacerense falando**, entendeu? **Tchá por Deus.Tudo junto, não tem separação. Inhacá** que é **venha cá**. Seune duas coisas em uma, aí você não entende mesmo. **Cacerense1***
- (49) *Ah, a maneira deles falar assim é porque eles não tá acostumado aqui com nois brasileiros com a língua portuguesa, então nois fala diferente pra expressa a maneira que eles fala, entendeu? Pra se tornar mais fácil o português aqui pra eles. O espanhol que eles fala é muito **rápido**, o português é mais bonito.**Cacerense2***
- (50) *Eles fala **arrastado**, nem dá pra entender direito, viu? E quando eles estão junto, aí pronto, não dá pra entender nada. **Cacerense3***
- (51) *O jeito corrido de falar. Mais meu patrão nem pode saber disso heim! (risos). **Cacerense4***
- (52) *Acho feio (Risos). Na verdade, eu não acho feio, eu acho diferente. Não entendo na verdade o que eles falam. **Cacerense5***

(53) *Não é que é feio. É que a falta de costume e convivência com a fala deles, fica estranho a gente fala, entendeu? Aí fica feio você falar por causa que você não sabe. Cacerense6*

(54) *Primeiro que eu não sei. Deve ser porque eu não entendo, né? E eu acho o português uma língua boa de falar. Cacerense7*

(55) *Feio? eu não consigo. Cacerense8*

Em7, nossos informantes avaliam positivamente o falar castelhano e chegam até a compará-lo com o cacerense no quesito **arrastado**. As marcas reforçadas no falar do boliviano são: **estranho**, não necessariamente feio, **cantado**, **arrastado** como o próprio falar cacerense, **rápido**, **feio**, **diferente** e **estranho**, de modo que, diante dessas particularidades, o português constitui-se como mais bonito, o que é reafirmado em 8, ao perguntarmos: *(Se o castelhano é mais bonito), cite exemplos do que você acha feio no português.*

(56) *O português é mais bonito. Cacerense1*

(57) *Eu não acho nada feio no português. Cacerense2*

(58) *O português é a fala mais bonita, viu? Cacerense3*

(59) *O português do nordeste eu acho feio. É diferente do nosso. O nosso é o mais bonito, eu acho. Cacerense4*

(60) *No português o que eu acho feio são as gírias. Nos últimos tempos está demais. Tenho dó de vocês professores com tanta gente falando assim. As pessoas tem que mudar o vocabulário tem que se conscientizar se não vai ficar pior. Cacerense5*

(61) *Feio no português. Deixa eu ver, acho que é a fala nordestina, né? Se a pessoa não tiver um discernimento das coisas não consegue se comunicar com eles. Eles conversa tipo espanhol bem*

rápido e com frase de duplo sentido. Se você sentar em uma roda só de nordestino você não entende nada o que eles falam, por causa do falar deles que não é um português craro. Cacerense6

(62) *Eu não acho nada feio no português. Acho um língua bonita, agradável. Cacerense7*

(63) *Não. Não consigo não. Cacerense8*

Avaliar o próprio falar como “bonito” é uma forma de exercitar e construir um “discurso público sobre a língua” (SCHLIEBEN-LANGE, 1993). No contexto de 8, observamos atitudes em que o português é avaliado pelas suas regiões, em que a fala nordestina é assim classificada: “*não é português claro*”. Tal discurso remete ao imaginário social que se faz desta região, ou seja, em que os dialetos que lá concorrem são estereotipados em razão da figura do nordestino, também estereotipada ao longo da história por motivação da ordem do político, entre outros fatores.

Em 9, (*Se é escolarizado*) *Você já foi corrigido na escola devido a seu jeito de falar? Por quem?*

(64) *Já, já, sou cacerense, né? Aí a maioria dos professores, a grande maioria na época não eram daqui, aí como falam que o sotaque é forte, aí o sotaque fica mesmo. Tem certas coisas que você fala, tipo, **panhar** que é **pegar**. Aí os professores corrigia e falava que não era certo, pedia para falar diferente, que eu estava falando errado, que meu jeito de falar era errado, entendeu? Cacerense1*

(65) *Já fui sim. Pelos meus colegas de sala, pelos professores. Isso geralmente na hora deu expressar a palavra treis trezentos e trinta treis, foi nessa parte aí do r, porque minha língua é plegada. Minha língua é plegada às vezes para algumas palavras, porque eu puxo mais o r. Cacerense2*

- (66) *Vixe! Sim o problema com o R. Aqui a gente fala bicicleta, dgente e os professores não gostavam, não. Brigava com a gente, mandava falar direito. Cacerense4*
- (67) *Assim porque eu falo errado demais, nos vai principalmente. Eu alembro (Risos), nossa, várias. E minha diz pra mim: No comércio você tem que falar certo, se não perde o freguês (Risos). Cacerense5*
- (68) *Fui sim. Mais por erro de pronuncia, tipo eu falava MANJOCA que é MANDIOCA. BICICRETA que é BICICLETA. Só por isso mesmo. Cacerense6*
- (69) *Já. Os professores. Às vezes é mania de falar errado mesmo. Tipo TRABISSEIRO, CUIÉ, coisas assim que você tem dentro do seu habitat, mesmo. Cacerense7*
- (70) *Já, pelos professores, porque eu misturava muito M-N ou G-J ou V-B. porque é igual minha mãe, ela fala o b baixo e o B alto. Às vezes eu falava gumitar e não vomitar, falava barrer e não varrer. Cacerense8*

Em 9, registramos a marca do preconceito linguístico, comportamento social que influencia as atitudes linguísticas de muitos sujeitos. A atitude preconceituosa de professores é justificável, segundo o informante Cacerense1, quando diz: *sou cacerense*, como se sua naturalidade justificasse tal postura. O informante Cacerense2 justifica a naturalidade do preconceito linguístico relacionando-o a uma deficiência de dicção que o faz marcar o *r* em sua pronúncia. Importante ressaltar aqui que admitir a hipercorreção é também admitir a insegurança linguística.

A hipercorreção pode ser percebida como ridícula por aqueles que dominam a forma “legítima” e que, em contra partida, vão julgar de modo desvalorizador os que tentam imitar uma pronúncia valorizada. Esse círculo pode ir ao infinito ou quase, e nos mostra o profundo enraizamento social das atitudes linguísticas (CALVET, 2002, p, 79).

Além disso, “o juízo sobre a língua atinge outro alvo, o falante” (CALVET, 2002, p. 67). De modo geral, os informantes se inscrevem no lugar do “erro”, ou seja, acreditam que falam errado e merecem ser corrigidos, em especial o destaque para a marcação do R no falar cacerense, avaliado como negativo pelos próprios falantes. Todavia, uma informante assim se posicionou:

(71) *Fui demas. Os professor mesmo diz que é errado falar assim igual nós fala. Mais eu num dava lado pra ela não.e falo assim mesmo, viu? Cacerense3*

Tal atitude revela a resistência diante do padrão estipulado pela escola e a autoafirmação do falar desta informante, deixando entrever que o sujeito marca sua identidade linguística ao afirmar que “*num dava lado para ela*”. Além disso, vai contra os padrões prescritivos e também preconceituosos vivenciados na escola.

Em 10, *Como você analisa a fala do cacerense?*

(72) *30% gramatical, 70% cultural. Cacerense1*

(73) *Assim, através dele falar uma fala bonita em todos os lugar que ele chega é assim que eles fala; nossa, você é de Cáceres? Você tem um modo de expressar bonito. Eles acha diferente nosso jeito de expressar. Eu acho a fala cacerense **bonita demais**. Cacerense2*

(74) *É bonito demais o nosso djeito de falar, é diferente, é quase que um cuiabano da baixada. Nossa fala é cantada. Eu gosto do meu djeito de falar (risos). Cacerense3*

(75) *Uma fala bonita, parecida com a do Cuiabano. Eu gosto. Cacerense4*

(76) *Típica, né? É a fala da região, né? Do lugar. Bem igual a baixada cuiabana mesmo.* **Cacerense5**

(77) *Uns acha engraçada, né? Às vezes, assim, eu tenho até um certo preconceito com a minha fala. Por causa que em certos lugares as pessoas fica reparando muito, entendeu? Eles param e ficam assim; nossa o que esse cara está falando e tal. Mais é só nestes momentos, no mais está tudo certo e no whatsapp procuro não gravar áudio, porque tenho vergonha.* **Cacerense6**

(78) *Uma fala agradável e fácil de entender. Acho que é isso.* **Cacerense7**

(79) *É bem semelhante à dos bolivianos, né? Por essa questão dos bolivianos estarem bem inseridos na sociedade cacerense. Tem palavras semelhantes e é um falar arrastado também.* **Cacerense8**

Ao afirmar que a fala cacerense é 30% gramatical e 70% cultural, o informante Cacerense1 deixa entrever que reconhece uma gramática “frouxa” em seu falar, posto que o cultural se sobressaia, para ele, ou seja, traduzir as marcas particulares do falar cacerense, seu sotaque, parece ser o que importa, aspecto cultural que se revela na avaliação positiva que o outro faz do falar cacerense, ao considerá-lo, segundo a opinião de Cacerense2: *Você tem um modo de expressar bonito/diferente*, em que tal avaliação reforça a postura positiva de Cacerense2 para sua própria fala em *Eu acho a fala cacerense bonita demais*. Os demais falantes avaliam sua fala como “bonita”, “cantada”, “agradável” e também parecida com o falar cuiabano da baixada, além de ser “típica” e há aquele que a considera parecida com a dos bolivianos, dada a convivência e a fronteira de Cáceres com a Bolívia.

Em 11, perguntamos aos nossos informantes: *Você já ouviu algum comentário sobre seu jeito de falar? (Se sim) Qual e quem?*

(80) *Já, o meu jeito de falar o pessoal de fora, porque eu já viajei pra fora, o pessoal acha meu sotaque estranho, principalmente o povo*

do sul que é mais correto na gramática, eles falam de todo mundo que tem sotaque. Cacerense1

(81) *Não. Geralmente, na minha área aqui no comércio nunca vi comentário desse jeito, desse jeito não. O jeito de falar, as pessoas que chega de fora a gente conversa sobre tudo, mas nunca tocamos nesse assunto, não, entendeu? Cacerense2*

(82) *Eu não. Aqui quase todo mundo é daqui, ninguém fala nada não. Porque todo mundo aqui fala cacerense mesmo viu? Cacerense3*

(83) *Não, nunca ouvi. (risos) De verdade, não mesmo (risos). Cacerense4*

(84) *Só sobre os erros de português mesmo, no mais, não. Está tudo certo. Cacerense5*

(85) *Já. Já, principalmente quando eu fui pra Sorriso, eles falavam assim pra mim: rapaz como você conversa estranho, e eu falava pra eles, eu? E vocês então parecem um bando de maritaca, quando estão juntos. (risos) Ninguém entende nada do que eles falam mesmo. Cacerense6*

(86) *Não. Porque eu não falo muito cacerense mais, né? Aqui só os mais antigos mesmo. Então, eu falo normal. Cacerense7*

(87) *Já. Porque de bugre ou dizem: a sua boliviana, mas é no sentido pejorativo mesmo, no sentido de desprezar. Cacerense8*

Para a pergunta 11, nossa atenção se volta à resposta do Cacerense1, a qual justifica nossa análise da questão anterior, em que nosso informante analisa a fala cacerense como 30% gramatical. Assim, ao classificar o falar do gaúcho como mais correto na gramática, assume um lugar de inferioridade e desprestígio de seu próprio

falar quanto aos aspectos de hipercorreção, logo de insegurança, visto que reconhece a forma gaúcha de falar como uma variedade de prestígio.

De acordo com Calvet (2002, p. 72), “[...] há insegurança linguística quando os falantes consideram seu modo de falar pouco valorizador e tem em mente outro modelo, mais prestigioso, mas que não praticam”, a exemplo de um informante que diz: *Já. Porque de bugre*”, como se a avaliação que o outro faz de seu falar justificasse tal inscrição preconceituosa, ou seja, ser bugre não é considerado bom, por isso o falar de um bugre é “horrível”, “ruim”.

Por fim, em 12, indagamos: *Aponte algumas semelhanças e diferenças entre os brasileiros e os bolivianos. E com relação ao português e ao espanhol?*

(88) *Tem muita diferença no nível social, os pobres daqui é a língua que difere. Cacerense1*

(89) *O português é o português falado aqui de uma maneira curta, né? O modo do castelhano é no caso mais rápido, no caso assim bem, uma expressão assim, vamos supor, uma expressão assim mais cautelosa, mais diferente a palavra, entendeu? Não diferencia muito não, entendeu? Da fala do brasileiro que é o português. Cacerense2*

(90) *Que eles é bugre, num tem esse negócio aqui não, viu? Tirando isso todo mundo é igual. Cacerense3*

(91) *É só o jeito mais rápido de falar mesmo. É outra língua, né? Cacerense4*

(92) *É que os bolivianos são bugres, mesmo. A aparência é bem diferenciada da nossa. E a forma de falar é mais rápida. Só. Cacerense5*

(93) *A dos brasileiros aqui de Cáceres se parecem mesmo por ser divisa, fisicamente, no rosto parece muito. Em relação à fala é a rapidez né? Tudo igual. Cacerense6*

(94) *Me lembrei, esses dias eu estava conversando com minha tia sobre uma moça que o nome dela é Xana. E aqui é vagina feminina, né? Aí a gente começou a rir e ela perguntou porque que eu estava rindo, expliquei pra ela. Mais lá é nome comum de pessoas, nome geralmente. Eu tenho um primo por nome Nonicito, porque ele é o nono filho do meu tio igual de parente aqui no Brasil biso, bisa. Cacerense8*

Para Cacerense1, as diferenças residem, basicamente, no nível social e, ao expressar *os pobres daqui é a língua que difere*, nos faz retomar a resposta dada por ele em 1: *O mais humilde fala arrastado, mesmo. Do jeito que era falado pelos ribeirinhos*, ou seja, o que difere, na verdade, as diferenças sociais entre pobres e ricos é que aqueles falam *arrastado* como se falava a população de ribeirinhos. Registra-se aqui um preconceito linguístico, logo, social, posto que esse informante também reconhece que os sujeitos ricos (ver pergunta1) tem um falar diferenciado por ter tido acesso ao estudo, traduzindo, desse modo, a imagem que tem de si mesmo e da sua própria fala, uma forma estigmatizada, desvalorizada, se comparada à dos ricos, o que remete à falsa crença de que “as pessoas sem instrução falam tudo errado” (BAGNO, 2003, p. 40). Dito de outro modo, “o problema não está *naquilo* que se fala, mas em *quem* fala o quê” (BAGNO, 2003, p. 43). Tal preconceito também se observa na resposta de Cacerense2, quando este reconhece que o falar boliviano, embora mais **rápido** e **parecido** como português, é *uma expressão assim mais cautelosa*.

Por fim, chamamos a atenção para a resposta da Cacerense 4 que diz que justifica seu jeito particular de falar por tratar-se de outra língua: “*É outra língua, né?*”, essa outra língua que marca, define uma unidade e uma identidade linguística em relação ao cacerense, talvez.

Diante dos dados fornecidos pelos informantes cacerenses, pontuamos aqui algumas situações destacadas por eles:

- Os informantes cacerenses acreditam no apagamento de seu falar pelas gerações mais novas, bem como acreditam que esse apagamento se deve ao convívio com o elemento de outras culturas, de outras regiões;
- Acreditam na mudança e/ou alteração do falar cacerense;

- Os juízos de valor apresentados pelos cacerenses quanto ao falar boliviano e, muitas vezes, também sobre seu falar, de modo geral, não são definidos, mas globalizados como “rápido”, “ruim”, “com sotaque”, situações averiguadas também no estudo de Gimenes-Moralis (2000) acerca dos araguienses;
- Ao manifestarem suas atitudes linguísticas sobre o falar boliviano, na verdade, estão julgando uma variedade da língua nacional desse sujeito, a qual, em interação com sua variedade linguística desdobra-se no que se denomina mestiçagem linguística.

No diálogo com Hall (2001), não acreditamos em apagamento, mas na negociação e na mudança, posto que as línguas e suas variedades se formam e se alteram no contato vivo que seus falantes promovem nas interações sociais, culturais e linguísticas do cotidiano. Além disso, nesse processo, os sujeitos apresentam práticas linguísticas e discursos públicos sobre sua língua e as demais com as quais entram em contato, posto que “[...] o próprio processo interativo é constitutivo da realidade social e, portanto, as ações não estão inexoravelmente predeterminadas. Podem ser trabalhadas, confirmadas, desafiadas, alteradas ou reinterpretadas pelos atores sociais” (BORTONIRICARDO, 1999 *apud* COX; ASSIS-PETERSON, 2007, p. 40).

4.2 Falar Boliviano

Quanto às atitudes linguísticas manifestadas pelos informantes bolivianos, seguimos a mesma ordem em que as perguntas centrais foram realizadas, traduzindo seu comportamento linguístico. Assim a pergunta 1 foi: *As pessoas ricas e pobres de Cáceres falam da mesma maneira?* cujas respostas apresentamos a seguir:

(95) *Algumas. Eu já trabalhei com algumas que falam, outras não. As que são estudadas falam diferente. Boliviano1-fem.*

(96) *Não. Fala diferente os ricos, falam melhor por ter estudado, fala sem sotaque. Os pobres falam com sotaque forte, entendeu? Boliviano2-fem*

(97) *Não, porque o rico fala melhor que nós. Porque tem mais estudo, viaja muito. E os de crasses média não. É aquela mesma maneira que a gente tem. Então tem diferença sim. **Boliviano3-fem***

(98) *Tem diferença porque tem umas pessoas que são ricas, que não parecem ser ricas, falam normal. E tem outras que não. Algumas falam igual paulista nem parece ser de Cáceres. Acho que porque tem mais estudo, né? Olha eu não pareço ser boliviana e nem cacerense, pois misturo tudo (risos). **Boliviano4-fem***

(99) *Não, pra mim não. (risos), é diferente, porque o sotaque das pessoas mais pobres é bem diferente de quem tem mais estudo. Entendeu? **Boliviano5-fem***

(100) *As mais velha sim, as mais nova não. Já perdeu o jeito de falar deles. Igual nós estamos perdendo, tem coisa que eu já não sei mais. **Boliviano6-masc***

(101) *Não. Os ricos fala melhor, porque estuda mais, né? Os outros fala igual nós mesmo. **Boliviano7-masc***

(102) *Aqui quase não vem rico, né? Mais deve fala sim. Tudo mora aqui, é tudo misturado. **Boliviano8-fem***

A ilusão de *quem não tem estudo fala tudo errado* também é reiterada no discurso dos bolivianos, uma vez que esses informantes acreditam que quem estuda “fala melhor”, “sem sotaque” “diferente”. Ou seja, não é o que se fala, mas quem fala o quê que faz a diferença (BAGNO, 2003). Além disso, das respostas obtidas de nossos informantes, registra-se o falar paulista como referência de bom falar, de modo que os cacerenses ricos, por poderem estudar fora, acabam falando igual ao paulista, o que reforça o imaginário dessa figura como referência nacional para o informante, em razão de argumentos da história nacional.

Em 2, indagamos sua opinião sobre o falar cacerense: *Que impressão lhe causou o falar cacerense quando o ouviu pela primeira vez?*

(103) *É diferente, né? Porque a primeira vez que você ouviu você não entende, é tudo estranho e quando eu vim eu não falava português, só castelhano* **Boliviano1-fem**

(104) *Eles, os cacerenses, tem um sotaque bem puxado, né? Um sotaque bem bugre mesmo.* **Boliviano2-fem**

(105) *Eu achei estranho. É diferente o jeito deles fala. Tem sotaque, né?* **Boliviano3-fem**

(106) *Bem diferente, né? Depois a gente vem pra cá e vai se acostumando, eu gosto do jeito do cacerense falar.* **Boliviano4-fem**

(107) *(risos). Ai, ai. Porque quando eu vim morar aqui eu estava com oito anos e eu assim falava mais espanhol do que português. Agora não, eu falo português. E tem gente que pergunta pra mim; você é boliviana, mesmo? E eu já peguei o falar cacerense um pouco.* **Boliviano5-fem**

(108) *Não entendia nada, aí fui pra escola e fui aprendendo. Hoje eu nem falo minha língua mais direito.* **Boliviano6-masc**

(109) *(risos) não entendia nada, aí meu irmão que tem uma loja aqui do lado me ensinou. Achava esquisito.* **Boliviano7-masc**

(110) *Difícil demais. Eu nunca tinha visto um brasileiro falar. Achei esquisito. Agora é normal.* **Boliviano8-fem**

De modo geral, a avaliação dos bolivianos frente ao falar cacerense é uma avaliação positiva, classificada como “diferente”, “estranha” “sotaque puxado”, mas não necessariamente feio. Os demais informantes dizem gostar e terem se acostumado com o falar cacerense. Na verdade, registra-se aqui a negociação e a mudança, fruto das

interações linguísticas, culturais e sociais. Além disso, *Um sotaque bem bugre* nos remete à concepção de bugre apontada Bisinoto (2007), citada por Macedo-Karim (2012):

[...] o estigma social que atribui ao índio a condição social de cidadão de segunda classe data da fundação da cidade e parece ter resistido ao tempo. Hoje não existe na região urbana de Cáceres o que se poderia chamar de grupo étnico organizado, remanescente genuíno de alguma das comunidades indígenas que habitaram a região, mas uma boa parte da população, a que se denomina “bugres” genericamente descende de índios. Essas pessoas conservam traços físicos e alguns culturais dos primeiros habitantes e são herdeiras das costumazes qualificações pejorativas que vêm desde seus antepassados (BISINOTO, 2007, p. 62 apud MACEDO-KARIM, 2012, p. 56).

Para 3, *O que as pessoas de fora mais estranham nos cacerenses: a fala, a comida, o comportamento? Por quê?*

(111) *Geralmente a comida, né? Aqui é arroz e feijão, né? Como eles falam, casal. Pra nós não, é sopa, pão, esses negócios, entendeu? O hábito alimentar aqui é diferente, mais de tanto fazer até gosto.***Boliviano-fem**

(112) *É a fala e a comida, né? A comida aqui é separada e a nossa é tudo junto. Pra nós tem que ter pão em todas as refeições, entendeu? Primeiro a sopa, depois o pão. A sopa é um prato de entrada, entendeu? Depois tem arroz, feijão, bife, mas tudo junto.***Boliviano2-fem**

(113) *O comportamento deles. O jeito deles é diferente, mais fechado do que nos, entende?***Boliviano3-fem**

(114) *A comida né? Porque aqui é arroz, feijão e carne. Lá na Bolívia, não. É mais sopa, tudo lá tem um caldo. Tem que ter caldo em tudo, é nosso costume, né?***Boliviano4-fem**

(115) *A comida é bem diferente do tipo aqui do Brasil mesmo. A fala também; lá na Bolívia é tudo sopa. É bem raro você ir num restaurante lá e achar algo diferente que você quer comer. Tipo aqui, você vai no restaurante e come uma lasanha, né? E lá se você*

fizer pra eles, eles não come. Tem que ter caldo em tudo.

Boliviano5-fem

(116) *Quando cheguei aqui era tudo. Agora só estranho a comida, a minha é molhada, a deles é seca.* **Boliviano6-masc**

(117) *O modo da fala mesmo, e a comida é diferente da nossa. A nossa é sopa e aqui não.* **Boliviano7-masc**

(118) *Agora é comida, a comida é mais fina né. Nós não gosta de sopa. De pão, de caldo mesmo. O comportamento é igual nós mesmo.*
Boliviano8-fem

Em 3, apenas o informante Boliviano2 marcou a fala cacerense como algo que causa estranhamento às pessoas que são de fora, porém não explicou a razão desse estranhamento, posto que os dois informantes focalizaram suas opiniões nas diferenças gastronômicas como a maior causa de estranhamento entre cacerenses e bolivianos, fator corroborado pelos demais informantes. Como registrado nas atitudes dos informantes cacerenses, o estranhamento pode remeter a algo positivo quanto negativo diante do desconhecido, de modo que pode gerar comportamentos de não adaptação e não aceitação do falar do outro.

Para 4, *Você acredita que, estando em outro lugar, as pessoas possam saber de onde você é simplesmente pela maneira como você fala? Por quê?*

(119) *Sim. Porque o falar é diferente, entendeu? Aí eles já falam: essa não é daqui. Aqui eles tem sotaque, nós não temos e muitas vezes pela aparência também, entendeu?* **Boliviano1-fem**

(120) *Sim. Eles olham e já sabem. Muita gente já me conhece, nem preciso falar pra saber que sou boliviana, entendeu?* **Boliviano2-fem**

(121) *Sim. É só olhar também já sabe que sou boliviana. Olha a minha aparência e já vê. **Boliviano3-fem***

(122) *Sim. Percebe sim, no começo percebia mais, agora já está melhor, porque falo o português e aqui no camelô nós procura usar a língua que todo mundo entende. Entendeu? **Boliviano4-fem***

(123) *Muitas pessoas falam assim pra mim, me pergunta se eu sou boliviana mesmo. Porque é difícil eu falar espanhol aqui. Só em casa mesmo. Aqui eles acham que sou cacerense. Minha mãe só fala espanhol, mais quando estamos em outro lugar nós só usa só o português mesmo. **Boliviano5-fem***

(124) *Sim. Eu falo diferente e sou diferente na fisionomia, né? Bugre eles chamam. **Boliviano6-masc***

(125) *Tem gente que acha que eu sou daqui mesmo. Eu não saio daqui, meu filho que viaja pra comprar as coisas da loja. **Boliviano7-masc***

(126) *Só se eu falar castelhano. Porque se eu falar cacerense eles pensa que sou daqui mesmo. Entendeu? **Boliviano8-fem***

Nossos informantes avaliam o próprio falar como “diferente” “sem sotaque”, enquanto o cacerense, marcado pelo advérbio “aqui”, apresenta sotaque no seu falar, uma marca que, de certa forma, não é positiva, segundo a comparação que se deixa entrever no discurso dos bolivianos. Além disso, a identificação do outro como fator de identidade linguística também se registra na resposta de nosso informante, marcado pelos traços étnicos de sua origem, como em “*pela aparência também*”, “*Eles olham e já sabem*”. Além disso, há o fator não de adaptação ao português, mas de interação entre as duas variedades linguísticas das línguas em contato.

Em 5, perguntamos *E qual é a língua mais bonita/agradável? O português ou o castelhano?*

(127) *O castelhano é mais bonito do que o português. Assim, os dois é bonito, mas o castelhano é mais bonito. Eu acho. **Boliviano1-fem***

(128) *Mais bonito é o castelhano, né? Tem um som mais forte, mais agradável. **Boliviano2-fem***

(129) *O castelhano. É mais bonito. **Boliviano3-fem***

(130) *O brasileiro é língua mais bonita. Apesar deu gostar do castelhano, porque sou da Bolívia. O português sem dúvida é mais bonito. **Boliviano4-fem***

(131) *Pra mim é o castelhano. Porque é o que eu sei, né? **Boliviano5-fem***

(132) *O castelhano, né? **Boliviano6-masc***

(133) *O castelhano é mais bonito, mais só falo em casa. No comércio falo o português mesmo. **Boliviano7-masc***

(134) *O português. Eu acho mais bonito. As músicas a gente entende melhor. **Boliviano8-fem***

Assim como os informantes cacerenses, os bolivianos não avaliam negativamente a própria fala, nem menosprezam o falar cacerense, apenas colocam sua língua materna num lugar de destaque, elevado, classificando-a como “bonita”, “mais agradável”, reforçando, desse modo, o “discurso público sobre a língua” (SCHLIEBEN-LANGE, 1993). Porém, dois informantes afirmaram achar o português “mais bonito”.

Para 6, (*Se o português é mais bonito*), cite exemplos do que você acha feio no castelhano.

(135) *Ah, geralmente o **xingo**, né? Pessoas xingando, nossa, é feio. Xingar é feio. Às vezes assim em português fala filho da puta. Lá na*

Bolívia é concha de comadre, isso lá é um filho da puta. Aqui é comum, lá é estranho. Aqui é feio, lá não, tipo, concha de comadre é normal lá, entendeu? Já não é tão feio quanto filho da puta aqui.

Boliviano1-fem

(136) *A ignorância das pessoas. São grosseiras. Alguns xingam muito.*

Eu acho feio. Boliviano2-fem

(137) *Por exemplo, é feio pra nós xingar, entende? Vou falar “cala boca sua filha de uma égua”. É comum aqui. Pra nós, não.*

Boliviano3-fem

(138) *O jeito de xingar, aqui entre nós boliviano se xinga muito. Povo da Bolívia aprendeu xingar aqui. Muito feio. Então, é o xingamento, mesmo. Boliviano4-fem*

(139) *No castelhano o que é mais bonito é quando todos juntam, a conversa é mais agradável de ouvir, entendeu? Boliviano5-fem*

(140) *Não acho nada feio, não. É minha fala, né? Boliviano6-masc*

(141) *Não acho nada feio, não. Boliviano7-masc*

(142) *Eu não acho nada feio no castelhano. Só acho o português mais bonito. E eu quase não falo castelhano, só português mais, entendeu? Boliviano8-fem*

Fator preponderante entre os informantes bolivianos é o xingamento no comportamento social do cacerense, uma vez que considera tal postura “feia”, em especial a expressão “filho da puta”, a qual, quando comparada à expressão equivalente no castelhano “concha de comadre”, tida como “normal” na Bolívia, é digna de repulsa, retratando a ignorância e a grosseria das pessoas de Cáceres. Não se julga o falar apenas, mas, e principalmente, o cacerense. Os informantes não apontam nada feio no castelhano, conduzindo seus julgamentos para o falar cacerense, julgamento reforçado na

pergunta 7: *(Se o castelhano é mais bonito), cite exemplos do que você acha feio no português.*

(143) *O xingamento também. Aqui tem xingo feio demais. Não gosto.*

Boliviano1-fem

(144) *A ignorância e o xingamento. Acho muito feio. Aqui no Brasil é normal, entendeu? Boliviano2-fem*

(145) *É que as vezes eles brigam, xinga, entende? Tem gente que fala que eles é assim mesmo. Mais não gosto, não. É feio. Boliviano3-fem*

(146) *Tipo assim. As pessoas mais de idade, eles não falam mais correto, e a gente também não. Mais eles falam DEITCHAM AÍ, DJEITO. Aí é mais puxado, é diferente. Esse jeito acho feio, não consigo falar não. Boliviano4-fem*

(147) *Não acho nada feio no português. Só acho difícil. Boliviano5-fem*

(148) *Esse jeito de falar muito rápido, é estranho. Quando a pessoa mais velha vem aqui, quase não entendo a conversa delas. Parece outra fala. Boliviano6-masc*

(149) *Aqui o povo fala igual malandro na gíria. E AÍ MEU! FAZ UM MENOS AÍ MALUCO! Isso eu acho feio. Boliviano7-masc*

(150) *O xingo. Aqui xinga assim. Pode falar? “Toma no rabo, filho de uma puta”. Isso é feio. Boliviano8-fem*

Sobre o questionamento feito em 7, alguns apontaram tanto expressões típicas do falar cacerense, a exemplo de “Deitchan aí”, “Djeito”, classificadas como diferentes, puxadas e feias, como também apontaram o uso da gíria como marca do falar cacerense,

relacionando-a ao jeito de “malandro” falar, marca de preconceito linguístico por parte dos informantes.

Em 8, (*Se é escolarizado*) *Você já foi corrigido na escola devido a seu jeito de falar? Por quem?*

(151) *Já, e bem no começo pelos professores mesmo, quando o jeito de escrever geralmente confunde a gramática, só a fala não.*
Boliviano1-fem

(152) *Sim, aqui mesmo em Cáceres. Muita gente corrige, pois às vezes falo muitas palavras erradas ainda.* **Boliviano2-fem**

(153) *Na escola, quando eu estudava, a professa falava, fala direito menina! A gramática eu não sabia.* **Boliviano3-fem**

(154) *Bem no começo sim. Geralmente a professora na sala de aula, né? Ela dizia: fala direito! Não é assim que fala, não. Você parece burra. Tinha até medo de voltar na escola.* **Boliviano4-fem**

(155) *Bastante. Assim, pelos meus colegas e professores também. Às vezes era pra falar VOCÊ e eu usava o S no final, entendeu? E eles riam de mim. Mais eu agradeço pelas pessoas terem me corrigido, essa é uma palavra que eu não esqueço mais. (risos).* **Boliviano5-fem**

(156) *Já, pelos meus colegas, mesmo. Olhe o bugre! Não sabe falar. Era muito feio o que eles fazia e eu não gostava de ir à escola.*
Boliviano6-masc

(157) *Sim, as professoras e os meninos na escola, ficavam mangando. Fale direito seu bugre, eu ficava bastante dia sem ir na escola.* **Boliviano7-mas**

(158) *Já sim. As professora, mais faz hora já. Agora eu falo bastante, já sei. Boliviano8-fem*

No que diz respeito à hipercorreção, os bolivianos reconhecem a “necessidade” dessa prática, de natureza preconceituosa, se consideramos o depoimento de *Boliviano2-fem*. ao dizer que “às vezes falo muitas palavras erradas ainda”, atestando, nesse momento, uma atitude negativa quanto ao seu próprio falar. A insegurança linguística desse informante traduz sua crença num modelo mais prestigioso que o seu, depreciando, com isso, seu modo de falar (CALVET, 2002).

Bisinoto (2007) assim se posiciona quanto à postura da escola:

[...] as referências à escola, somado à noção de correção linguística difundida pelos informantes desvelam uma faceta instigante do preconceito linguístico. É sabido (e é assunto de profusa literatura) que a escola é preconceituosa, prescritiva e castradora quando trata com a linguagem e persegue uma (imaginária) unificação da língua. O que de novo parece revelar-se em Cáceres é que a escola, além de tudo, dá base ao preconceito e o legitima. Quando se esforça para excluir a variedade nativa, atribuindo-lhe o caráter de anormalidade e erro, a escola endossa as críticas e licencia o deboche (BISINOTO, 2007, p. 72).

Para 9, *Como você analisa a fala do cacerense?*

(159) *Normal. Já aqui fala mais manso, mais lento. Castelhana é corrido, mas aqui tem muito sotaque, entendeu? Boliviano- fem*

(160) *É agradável sim. Eu fui alfabetizada em português aqui em Cáceres. Eu gosto do jeito que eles falam. Boliviano2 fem*

(161) *É um pouco complicado né? É diferente o modo que eles fala, eu consigo entender pouco, eles fala muito rápido e tem sotaques, entendeu? Boliviano3-fem*

(162) *Na maioria das vezes engraçada, né? Os mais velhos falam mais rápido e quase não dá pra entender nada. Os mais jovem não, eu*

*entendo tudo. É tipo um cacerense misturado com cuiabano. Entendeu?***Boliviano4-fem**

(163) *É diferente da minha, mais é normal. Por exemplo, tem boliviano que fala cacerense, mais não escreve, só isso normal mesmo.***Boliviano5-fem**

(164) *Igual as outras mesmo. A nossa é ligera, a deles também. Eles não entende a nossa, mais nós entende pouco a deles. Agora já está ficando tudo igual.***Boliviano6-masc**

(165) *Rápida, né? Igual nós (risos), eu falo mais lento mesmo.***Boliviano7-masc**

(166) *Rápida igual a nossa mesmo. É devido à fronteira, né? Tudo perto.***Boliviano8-fem**

Os julgamentos de nossos informantes em relação ao falar cacerense representam uma avaliação de natureza positiva, classificada como “normal”, “agradável”, apesar de ter “muito sotaque”. A avaliação que nossos informantes realizam é por meio do processo de comparação com o castelhano, “corrido”, corroborando a opinião dos cacerenses de que o castelhano é “rápido”. Além disso, o falar cacerense também é considerado uma mistura com o cuiabano, bem como é classificado como “rápido, igual ao castelhano por conta da fronteira”, ou seja, há o movimento do “transportar fronteiras”.

Em 10, perguntamos: *Você já ouviu algum comentário sobre seu jeito de falar? (Se sim) Qual e quem?*

(167) *Já sim, porque às vezes não entende nada. Aí se perguntar eu falo, entendeu? Principalmente quando fala com os bolivianos. Tem gente que pára para ouvir, entendeu?* **Boliviano- fem**

(168) *Assim de frente, não. Mas no fundo eles falam sim, que é feio o meu falar. Mas é porque os cacerenses tem sotaque. Acho que é isso. Antes de trabalhar aqui no camelô, trabalhei muito nas casas dos cacerenses e eles riam quando eu falava, entendeu? Boliviano2-fem*

(169) *Não. Ainda não. Boliviano3-fem*

(170) *Bem no começo eles falavam, que esquisito o modo deles falar. Mais agora eu já falo correto. Acredito que hoje eles não falam mais não. Boliviano4-fem*

(171) *Já sim. Pelo menos minha cunhada adora me reparar, entende? Principalmente quando estou falando bem. Quando vou pra lá, que eu e meu marido discute, eu grito com ele em português só pra ela não entender nada. (risos). Boliviano5-fem*

(172) *Já (risos). Quando falo rápido, eles dizem que não entende. O povo que vem aqui comprar fala rápido também. Boliviano6-masc*

(173) *Nunca ouvi, não. Como assim? Só na escola mesmo. Agora já sei falar o português, falo pouco em castelhano. Boliviano7-masc*

(174) *Pelo menos pra mim ninguém falou nada, não. Boliviano8-fem*

Enquanto nosso informante *Boliviano1-fem*. afirma já ter ouvido comentários a respeito de seu jeito de falar, já que as pessoas não os entendem, o informante *Boliviano2 fem*. apenas acredita nesse fato ocorrer, em decorrência de experiências vividas anteriormente, quando trabalhou nas casas de cacerenses. Há nesse último caso, a remissão a um imaginário social de que as pessoas zombam dos bolivianos cujo falar é considerado “feio” no imaginário social que nosso informante inscreve sua própria fala. Além disso, o informante *Boliviano2-fem* acredita que esse fato só acontece, “porque os cacerenses tem sotaque”. Alguns informantes dizem que tal fato não ocorre mais, porque agora falam o “português correto”.

Por fim, em 11, indagamos: *Aponte algumas semelhanças e diferenças entre os brasileiros e os bolivianos. E com relação ao português e ao espanhol?*

(175) *Tem algumas palavras que são iguais, que eles entendem, tipo tatu, igual tatu no português. Então é praticamente a mesma fala.*

Boliviano1-fem

(176) *É que os cacerenses mais velhos são bugres, igual nós mesmos. A diferença é no falar. Acho que é isso, entendeu?*

Boliviano2-fem

(177) *Tem. Mais eu não sei te falar, mais tem.*

Boliviano3-fem

(178) *Boliviano fala mais rápido do que o português. E a semelhança é que são línguas diferentes e o modo de expressar muda, né? Mais no final todos entendem. Acho que é isso.*

Boliviano4-fem

(179) *Assim o diferente deles é que eles fala uma outra língua. Mais no final é tudo igual, né? Sempre dá um jeito pra entender o outro.*

Boliviano85-fem

(180) *Só que nós fala rápido igual eles mesmo, né? Só isso mesmo.*

Boliviano6-masc

(181) *Os cacerenses da minha idade parece bugre também. Igual nós mesmo. E a fala é ligera também.*

Boliviano7-masc

(182) *E que falam que nós tudo é bugre, né? Mais acho que eles não gosta que fala isso não viu.*

Boliviano8-fem

Há no julgamento de nosso informante a inscrição dos dois falares(cacerense e boliviano), caso 1, num lugar de igualdade linguística, logo identidade linguística, conforme se observa em “é praticamente a mesma fala”. O informante Boliviano2-fem aponta para a existência de uma diferença no falar dos dois povos, mas não define essa

diferença, apenas pontua uma igualdade étnica “bugres [...] igual a nós”. Os demais informantes afirmaram ser tudo igual, mesmo, além de apontar a questão de todos serem “bugres”, reafirmando a estigmatização e as concepções pejorativas no entorno do sujeito bugre. Dito de outro modo, a estigmatização do falar cacerense e também do falar boliviano possui raízes históricas, as quais são assimiladas/reafirmadas pelos informantes bolivianos em solo cacerense.

Como verificado em muitas posturas dos informantes cacerenses, algumas delas também se repetem nos dados dos bolivianos, a saber:

- Ilusão de quem estuda fala melhor, portanto, nesse imaginário, o rico fala melhor, porque tem acesso ao estudo;
- Apresenta juízos de valor globalizados em relação ao falar cacerense do tipo “diferente”, “estranho”, “rápido” e “com sotaque”;
- Julga, às vezes, o sujeito cacerense e não necessariamente o seu falar;
- Classifica o falar cacerense como uma mistura com o falar cuiabano.

Conforme pontamos em alguns momentos nesse trabalho, analisar atitudes linguísticas oriundas de línguas e variedades linguísticas em contato é considerar as interações que se colocam nesse espaço, posto que “[...] la asociación entre lengua y situación social prefigura la elección lingüística de los hablantes, puesto que cada variedad lingüística tiene usos y valores sociales preasignados (ZANGLA, 2009, p. 142).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises realizadas nesse trabalho cujo objetivo é investigar atitudes linguísticas de cacerenses e bolivianos no município de Cáceres-MT quanto ao próprio falar e ao falar do outro, de modo geral, demonstraram que os informantes avaliam positivamente os respectivos falares, entretanto, quando se trata de relações econômico-sociais, registramos ocorrências de preconceito linguístico em relação aos falares aqui estudados em situações que incidem relações de classe, em que o mito de *quem não estuda fala tudo errado* se fez presente no olhar apresentado pelos nossos informantes, ou seja, os ricos, por estudarem, falam diferente, fator que denota a insegurança linguística de nossos informantes. Ainda observamos o fenômeno da hipercorreção como algo justificável e aceitável pelos dois tipos de informantes, ao alegarem que “sou cacerense” ou ao admitir que “falo muitas palavras erradas ainda”, reforçando, desse modo, a prática preconceituosa exercida pela escola.

No cenário polifônico de nosso estudo, o município de Cáceres, entendemos, na esteira dos estudos sociolinguísticos, que a língua, bem como suas variedades não é algo fixo e predeterminado, mas que se move para além das fronteiras do mundo globalizado, deslocamento que traduz ora uma mestiçagem linguística, ora uma *transglossia*, porque as línguas são “contaminadas” nos contatos que estabelecem, de modo que ocorrem nesses contatos a negociação e a mudança, logo as alterações tanto de um falar como de outro em concorrência.

Observamos, ainda, que não há o apagamento do falar cacerense, como se crê o imaginário do informante cacerense, mas a mudança e a negociação, como frutos das interações sociais, linguísticas e culturais que se estabelecem no solo do município de Cáceres, de modo que, embora esse falar seja uma variedade do português, ele ainda está relacionado à “unidade” nacional, ou seja, à língua portuguesa da qual ele se origina.

Registramos, por fim, práticas linguísticas e discursos públicos sobre os falares estudados, comportamentos que traduzem ora um saber ora estereótipos propagados no imaginário social e linguístico. Reiteramos, ainda, os juízos de valor globalizados apresentados pelos informantes, mas também o estranhamento diante do falar do outro, o que pode produzir tanto a surpresa, quanto a resistência, a não adaptação e um sentimento de incômodo em relação ao falar do imigrante e do nativo.

REFERÊNCIAS

ALKMIM, T. Sociolinguística. Parte I. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs). **Introdução à linguística: domínio e fronteiras**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

ALVES, M. I. P. M. Atitudes linguísticas de nordestinos em São Paulo: uma abordagem prévia. 1979. 226f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1979.

ARAÚJO, O. M. C. M. O discurso de construção da fronteira de Mato Grosso. In: JANUÁRIO, E. R. S. et. al. **Fronteira: memória e linguagem**. Campinas-SP: Pontes; Cáceres-MT: Unemat Editora, 2001. P. 83-103.

BAENINGER, R. **Fases e faces da migração em São Paulo**. Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp, 2012.

BAGNO, M. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 23. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

BISINOTO, L. S. J. **Atitudes Sociolinguísticas em Cáceres-MT: efeitos do processo migratório**. 2000. 105f. . Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

BISINOTO, L. S. J. Atitudes Sociolinguísticas: efeitos do processo migratório. Campinas: Pontes Editores; RG Editores, 2007.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria aos métodos**. Porto (Portugal): Porto Editora, 1996. (Coleção Ciência da Educação)

BRASIL ESCOLA. **Imigração no Brasil**. Disponível em: <<http://brasile scola.uol.com.br/brasil/imigracao-no-brasil.htm>>. Acesso em: 09 set. 2016.

CALVET, J. L. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Trad. Marcos Macionillo. São Paulo: Parábola, 2002.

CASAL JR, M. **O panorama da imigração no Brasil**. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/o-panorama-da-imigracao-no-brasil>>. Acesso em: 09 set. 2016.

CAVALCANTI, M. C. Estudos sobre a educação bilíngue e escolarização em contextos de minorias linguísticas no Brasil. **Delta**, v. 15, n. especial. São Paulo, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-445>. Acesso em: 18 nov. 2016.

COELHO et. al. **Para conhecer Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

COX, M. I.; ASSIS-PETERSON, A. A. Transculturalidade e transglossia: para compreender o fenômeno das fricções linguístico-culturais em sociedades contemporâneas sem nostalgia. In: CAVALCANTI, M. C.; BORTONI-RICARDO, S. M. (orgs). **Transculturalidade, linguagem e educação**. São Paulo: Mercado de Letras, 2007. p. 23-43

DEMO, P. **Avaliação qualitativa**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1991. (Coleção Polêmicas de nosso tempo, v.25)

DUBOIS et. al. **Dicionário de Linguística**. 10. ed. Trad. Frederico Pessoa de Barros et. al. São Paulo: Cultrix, 1998.

FERREIRA, C.; CARDOSO, S. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

GIMENES-MORALIS, E. **Dialetos em contato**: um estudo sobre atitudes linguísticas. 2000. 100f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

GIMENES, G.S.; NUNES-MENDES, A. N. B. As expressões “égua” e “mana” na linguagem do amapaense. In: DALLA PRIA et. al.(orgs). **Linguagem e línguas**: invariância e variação. Campinas-SP: Pontes, 2014.

GIRALDI, R. Por medo da pobreza e do desemprego, bolivianos migram para o Brasil e outros países, **Folha da Região**, 2010. Disponível em: <<http://www.folhadaregiao.com.br/Materia.php?id=126285>>. Acesso em: 13 set. 2016.

HASPELMATH, M. Lexical borrowing: concepts and issues.2009. In: ORDEN, M. E. Contacto de lenguas y transferencias léxicas em la Patagonia norte. In:

HIPPERDINGER, Y. (comp). **Lenguas: conceptos y contactos**. Bahía Blanca: Editorial de la Universidad Nacional del Sur. Ediuns, 2014

HILGEMANN, C. M. **Mitos e concepções linguísticas do professor em contextos multilíngues**. 2004. 196f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

JESUS, N. M. A capitania de mato grosso: história, historiografia e fontes, **Revista Territórios & Fronteiras**, Cuiabá, vol. 5, n. 2, jul.-dez., 2012. Disponível em: <file:///D:/Documents/Downloads/Dialnet-ACapitaniaDeMatoGrosso-4807267.pdf>. Acesso em: 13 set. 2016.

LABOV, W. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1976.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LAMBERT, W. W. **Psicologia Social**. Trad. Dante Moreira Leite. 5. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

MACEDO-KARIM, J. **A comunidade São Lourenço em Cáceres-MT: aspectos linguísticos e culturais**. 175f. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

MARTINS, R.; CAMPOS, V. C. **Guia prático para pesquisa científica**. 2. ed. Rondonópolis: Unir, s/d;

MORAES, A. C. R. Bases da formação territorial do Brasil, **Geografares**, Vitória, n. 2, jun. 2001, p.105-113.

MONTEIRO, J. L. Para compreender Labov. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000.

ORDEN, M. E. Contacto de lenguas y transferencias léxicas em la Patagonia norte. In: HIPPERDINGER, Y. (comp). **Lenguas: conceptos y contactos**. Bahía Blanca: Editorial de la Universidad Nacional del Sur. Ediuns, 2014.

PATARRA, N. **Integração Econômica, Mercado de trabalho e Migração Internacional: o caso Mercosul**. Seminário Regional Globalización y Migraciones Internacionales en América Latina y Caribe. Santiago de Chile, 1994.

PELLEGRINO, A. Presentación. In: PELLEGRINO, A. (compiladora). **Migración e Integración**: nuevas formas de movilidad de la población. Ediciones Trilce, Uruguai, 1995.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. Trad. Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993

RAMOS, J. M. Avaliação de dialetos brasileiros: o sotaque. **Rev. Est. Ling.**, Belo Horizonte, ano 6, n.5, v.1, p.103-125, jan./jun. 1997.

SCHLIEBEN-LANGE, B. **História do falar e história da linguística**. Trad. Fernando Tarallo et. al. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 1993.

SOUZA, A. C. S. **Africanidade e contemporaneidade do português de comunidades afro-brasileiras no Rio Grande do Sul**. 2015. 278f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

SOUZA, M. L. **ABC do desenvolvimento urbano**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. **História de Mato Grosso**: da ancestralidade aos dias atuais. Cuiabá: Entrelinhas, 2002.

SOUCHAUD, S. Sobre a migração boliviana. In: VILELA, S. Brasil atrai grande número de imigrantes bolivianos, **Made for Minds**, 2010. Disponível em: <<http://www.dw.com/pt/brasil-atrai-grande-n%C3%BAmero-de-imigrantes-bolivianos/a-5208328>>. Acesso em: 13 set. 2016.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1997.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

VALENTE, G. Cidade boliviana junto à fronteira já perdeu 30% da população, **O Globo**, 2012. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/economia/cidade-boliviana-junto-fronteira-ja-perdeu-30-da-populacao-6393137>>. Acesso em: 13 set. 2016.

VALENTE, G.; BATISTA, H. G. Imigrante ilegal com benefícios do Brasil, **O Globo**, 2012. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/economia/imigrante-ilegal-com-beneficios-do-brasil-6392289>>. Acesso em: 13 set. 2016.

ZANGLA, A. Variedades lingüísticas em la interacción áulica, Acercamento preliminar. In: HIPPERDINGER, Y. (comp). **Variedades y elecciones lingüísticas**. Bahía Blanca: Editorial de la Universidad Nacional del Sur: 2009. p. 141-156

ANEXOS

Anexo A - FICHA SOCIAL DO INFORMANTE**DADOS DO INFORMANTE**

Dados Pessoais:

Nome: _____

Apelido: _____

Data de Nascimento: ___/___/___ .

Nacionalidade: _____ Sexo: ___

_____ Estado Civil: _____

Profissão: _____ Idade: _____

Grau de instrução: Analfabeto () Ensino Fundamental () Ensino Médio () Ensino Superior ()

Domicílio Atual:

Endereço: _____ n° _____

Bairro _____ Cidade: _____

Morou sempre em: _____

Até aos__ morou em: _____

Dos__ anos até o momento reside em _____.

Assinatura do entrevistado responsável

LOCAL _____ Data : ___/___/2016.

Anexo B**ROTEIRO DE PERGUNTAS****INFORMANTES CACERENSES:**

- 1) Você já viveu fora da cidade de Cáceres? Por quanto tempo?
- 2) Qual o ponto negativo e positivo de ser cacerense?
- 3) Aqui em Cáceres, seus melhores amigos são cacerenses ou pessoas de outros lugares
- 4) Existe algum apelido que você usa para tratar as pessoas de fora?
- 5) Se existe apelido qual é?
- 6) A vinda de grande número de pessoas de outras regiões para Cáceres nos últimos anos foi bom ou ruim ? Por quê ?
- 7) As pessoas ricas e pobres de Cáceres falam da mesma maneira?
- 8) Quem é o imigrante de Cáceres? Tente traçar seu perfil.
- 9) No seu trabalho, com que tipo de gente você se relaciona diariamente? Quais os mais agradáveis? Quais os mais desagradáveis?
- 10) Que impressão lhe causou o falar boliviano quando o ouviu pela primeira vez?
- 11) Você seria capaz de imitar um boliviano falando?
- 12) Os cacerenses gostam dos bolivianos?
- 13) O que as pessoas de fora mais estranham nos hábitos bolivianos: a fala, a comida, o comportamento? Por quê?
- 14) Você acredita que, estando em outro lugar, às pessoas possam saber de onde é simplesmente pela maneira como você fala? Por quê?
- 15) No seu círculo de amizade tem mais gente daqui ou de fora? De onde?
- 16) Na sua profissão, é preciso escolher um jeito diferente para lidar com cada pessoa, ou não?
- 17) Você acha que a fala cacerense está desaparecendo? Por quê?
- 18) E qual é a língua mais bonita/agradável? O português ou o castelhano?
- 19) (Se o português é mais bonito) cite exemplos do que você acha feio no castelhano.
- 20) (Se o castelhano é mais bonito) cite exemplos do que você acha feio no português.

- 21) (Se é escolarizado) Você já foi corrigido na escola devido ao seu jeito de falar?
Por quem?
- 22) (Se tem filho) Você corrige a fala dele? Quando?
- 23) Como você acha que as pessoas de Cáceres vêem os bolivianos?
- 24) Você acha que os cacerenses gostam dos bolivianos?
- 25) Como você analisa a fala do cacerense?
- 26) Você seria capaz de imitar um boliviano falando?
- 27) Você namoraria ou casaria com uma (o) boliviana (o)?
- 28) Você gostaria de aprender a falar castelhano? Por quê?
- 29) Quando você se aproxima de um boliviano, eles costumam parar de conversar entre eles, ou continuam?
- 30) Você já ouviu algum comentário sobre esse jeito de falar? (Se sim) Qual e quem?
- 31) Aponte algumas semelhanças e diferenças entre os brasileiros e os bolivianos. E com relação ao português e ao espanhol.
- 32) Quais tradições cacerenses fazem parte da sua vida (as danças, as comidas, as rezas) ?
- 33) Você conhece alguma lenda de Cáceres?
- 34) Em qualquer situação você fala da mesma maneira?

Anexo C - INFORMANTES BOLIVIANOS:

- 1) Quanto tempo você está fora de sua terra natal?
- 2) Qual o ponto negativo e positivo de ser boliviano?
- 3) Aqui em Cáceres, seus melhores amigos são bolivianos ou pessoas de outros lugares?
- 4) Existe algum apelido que você usa para tratar as pessoas de fora?
- 5) Se existe apelido qual é?
- 6) A vinda de grande número de pessoas de outras regiões para Cáceres nos últimos anos foi bom ou ruim? Por quê?
- 7) As pessoas ricas e pobres de Cáceres falam da mesma maneira?
- 8) Quem é o imigrante de Cáceres? Tente traçar seu perfil.
- 9) No seu trabalho, com que tipo de gente você se relaciona diariamente? Quais os mais agradáveis? Quais os mais desagradáveis?
- 10) Que impressão lhe causou o falar cacerense quando o ouviu pela primeira vez?
- 11) Você seria capaz de imitar um cacerense falando?
- 12) Os bolivianos gostam dos cacerenses?
- 13) O que vocês de fora mais estranham nos hábitos cacerenses: a fala, a comida, o comportamento? Por quê?
- 14) Você acredita que, estando em outro lugar, às pessoas possam saber de onde é simplesmente pela maneira como você fala? Por quê?
- 15) No seu círculo de amizade tem mais gente daqui ou de fora? De onde?
- 16) Na sua profissão, é preciso escolher um jeito diferente para lidar com cada pessoa, ou não?
- 17) Em sua opinião qual língua (português/castelhano) é mais fácil/difícil: quem fala? Por quê?
- 18) E qual é a língua mais bonita/agradável? O português ou o castelhano?
- 19) (Se o português é mais bonito) cite exemplos do que você acha feio no castelhano.
- 20) (Se o castelhano é mais bonito) cite exemplos do que você acha feio no português.
- 21) (Se é escolarizado) Você já foi corrigido na escola devido ao seu jeito de falar? Por quem?
- 22) (Se tem filho) Você corrige a fala dele? Quando?
- 23) Como você acha que os bolivianos vêem os cacerenses?
- 24) Você acha que os bolivianos gostam dos cacerenses?

- 25) Como você analisa a fala do cacerense?
- 26) Por que você deixou sua terra e veio para Cáceres?
- 27) O que você pensava de Cáceres antes de vir para cá? E agora?
- 28) Você namoraria ou casaria com uma (o) cacerense (o)?
- 29) Você gostaria de aprender a falar o português? Por quê?
- 30) Quando você se aproxima de um cacerense, eles costumam parar de conversar entre eles, ou continuam?
- 31) Você já ouviu algum comentário sobre esse jeito de falar? (Se sim) Qual e quem?
- 32) Aponte algumas semelhanças e diferenças entre os brasileiros e os bolivianos. E com relação ao português e ao espanhol
- 33) Você conhece alguma lenda de Cáceres?
- 34) Quais tradições cacerenses fazem parte da sua vida (as danças, as comidas, as rezas)

Anexo D

TRANSCRIÇÃO DE DADOS INFORMANTES CACERENSES

Cacerense 1: 32 anos

Comerciante

2º grau

- 1- Não. Mais o sotaque é forte, independente de crasse social, não falam da esma maneira. Os mais humildes fala arrastado do jeito que era falado pelos ribeirinhos, os mais ricos que já tem influência de estudo mistura o sotaque daqui com o sotaque de fora.
- 2- Espanto. Não entendia nada (risos) até hoje entendo pouquíssimo. Ai a gente parte pra mimica tenta mostrar o que faz, vira gago (risos). Tenta falar alto pra falar com eles. Então de certa forma eu consigo me comunicar com eles sim.
- 3- A comida e o comportamento, a comida é muito diferente quer ver se você viaja pra lá e bem diferente, lá sim você vê a grande diferença entre crasse social é assim quem é pobre vai sempre nascer e morrer pobre e rico vai ser sempre rico, mais aqui em caceres a comida é tudo junto na mesma panela, não é igual nos que faz cada alimento em panela separada entendeu?
- 4- Sim. Principalmente aqui em caceres os poconianos são dois e os cuiabanos são os três mais fortes no sotaque. Eles são totalmente parecidos só que mais pr quem fala do que pra quem ouve quem é de fora já sabe que o sotaque é de outra região, mais eu também sei identificar se as pessoas são de outras regiões tipo do nordeste pelo sotaque.
- 5- Não. (eu não) não dentro de cáceres. Tem tipo assim eles estão maquiando não desaparecendo. Tem cacerense que começa falando cacerense e termina falando carioca. **Porque você acha que isso acontece?** Pela grande influência que está tendo de policiais, o povo do exercito a grande maioria vem de fora e tema galera que vai morar fora e que depois voltam.
- 6- Português (silencio). Porque você fala o português? É porque você tipo assim, você vê ate as musicas em toda cultura deles, eles falam rápido e cantam muito acelerados entendeu? Independente eu prefiro português é a língua mais agradável.
- 7- Sei lá. Vou ver. Bom o que eu acho não é feio, é estranho, é o djeito deles fala rápido. O rápido assim imendar, parece uma frase mais é uma palavra. Eles falam cantado mesmo, arrastado parece cacerense falando entendeu? Esse tcha por Deus, tudo junto não tem separação inhacá que é venha cá, se une duas coisas em uma, ai você não entende nada.
- 8- O português é mais bonito.
- 9- Já. Sou cacerense né ai a maioria dos professores, a grande maioria na época não eram daqui, ai como falam que o sotaque e forte, ai o sotaque fica mesmo. Tem certas coisas que você fala tipo: panhar que é pegar ai os professores corrigia, e

falava que não era certo e pedia para falar diferente, que eu estava falando errado que meu jeito de falar era errado entendeu?

10- 30% gramatical, 70% cultural.

11- Já. O meu jeito de falar é diferente do pessoal de fora quando eu viajei pra fora o pessoal acha meu sotaque estranho, principalmente o povo do sul que é mas correto da gramática eles falam de todo mundo que tem sotaque. **Esse estranho a que se refere é feio pra eles?** E o diferente. Engraçado.

12- Tem muita diferença no nível social os pobres daqui é a língua eu o separa da classe social.

Cacerense2: 55 anos
Comerciante
Ensino fundamental

1. Pra mim eles falam da mesma forma que todos expressam, a mesma coisa mesmo. Num tem diferença do expressamento deles.
2. No aspecto que eu trabalho aqui, no comércio, todos são tratados da mesma maneira, não tem aquela genti chata, nem mais ruim não. Não tem essa divisão aqui não, tudo é igual mesmo.
3. Eu achei essa expressão assim, mesmo tempo bonito, mesmo tempo assim bem rápida, né? O jeito que eles se expressa, se torna assim, se o cara não prestar atenção, não consegue entender, brasileiro mesmo não entende o que eles fala, o modo deles falar, né?
4. Geralmente é a fala, né? A fala e as comidas deles são assim tudo misturada né? E a fala é bem rápida, mais rápida do que cacerense. A comida é um arroz com feijão, tudo numa panela só, num mesmo lugar, entendeu? Diferente da nossa, parece uma sopa. Exatamente uma sopa.
5. Sim, porque pelo motivo do cacerense, da fala dele é conhecido aqui no Mato Grosso, quando a djenti vai aí pra fora, pro nortão, aí por exemplo, pra Sorriso, pra Sinop passear, eles identifica, e nois, identifica a fala deles também, é bem tudo gaúcho. A fala cacerense é bem diferenciada sim.
6. Eu por minha vista não ta desaparecendo nada porque vai nascendo, vai crescendo djente dessa região aqui e não desaparece não. A fala vai permanecer sempre a mesma porque ele vai conviver aqui em caceres co a djente que fala e expressa cacerense. Aí não tem como desaparecer não eles vai aprendendo passo a passo com a djente entendeu? Ela não vai desaparecer agora não. É muita djente nascendo e essas crianças que é filho de cacerense mesmo não vai deixar desaparecer assim entendeu? Esse palavriado.
7. O português né? Ele é mais bonito.
8. A maneira deles falar porque eles não esta acostumado aqui como nos brasileiros com a língua portuguesa. Então nos fala diferente pra expressar a maneira que eles falam entendeu? Pra nos se torna mais fácil o português do que pra eles o espanhol que eles falam e muito rápido entendeu?
9. Eu não acho nada feio em português.
10. Já fui sim. Pelos meus colegas de sala pelos professores. Isso geralmente na hora deu expressar a **palavra tleis, tlezentos e tlinta e tleis**, foi nessa parte aí do r porque minha língua é plegada, as vezes para algumas palavras porque eu puxo mais o r pra outras.
11. Assim. Eles falam uma fala bonita né? Em todos os lugar que ele chega é assim eles falam: Nossa! você é de Cáceres você tem um modo de expressar bonito. Eles acham diferente nosso jeito de expressar eu acho a fala cacerense bonita demais (Risos).
12. Comentario, não geralmente assim na minha área de comercio nunca vi comentário desse jeito não entendeu? O jeito de falar as pessoas que chegam

de fora conversa sobre tudo com a djente mais nunca tocamos nesse assunto não entendeu?

13. O português é o português falado assim de uma maneira curta né o modo do casteliano é no caso mais rápido no caso assim é uma expressão vamos supor uma expressão mais cautelosa mais diferente não diferencia muito não entendeu? Da fala do brasileiro que é português.

Cacerense3: 60 anos
Comerciante
Ensino fundamental

- 1- Fala não. Não sei te falar bem como é.mais fala não. Os ricos daqui num gosta nem dos pobres entendeu? eles já tem escola ai fala mais bonito entendeu?
- 2- Eu era pequena não entendia nada. Mais a gente se acostuma com tudo né? Eles falam rápido demais . até hoje não entendo nada. (risos)
- 3- Tudo. Tudo . tudo. A comida é diferente da nossa pareci sopa. Você já comeu? Então é tudo na mesma panela, eles fala correndo demais.
- 4- Nem sempre. Tem pessoas que acha que eu sou de Poconé. Não entendo isso bem. Eles fala muito diferente eles fala parecendo o povo de Cuiabá.os Cacerenses não. Mais depois acostuma viu?
- 5- Está não. Porque a cidade ta grande viu. E é muita gente que nasce. Agora que a djente ve os cacerenses falando bem cacerense mesmo.
- 6- É o português né? Porque aqui só os bolivianos que falam fala assim. Nos cacerense fala tudo igual. Então a nossa fala é a mais bonita.
- 7- Eles fala arrastado nem da pra entender direito viu? E quando eles estão junto, ai pronto não da pra entender nada.
- 8- O português é a fala mais bonita viu?
- 9- Fui demas. Os professor mesmo diz que é errado falar assim igual nós fala. Mais eu num dava lado pra ela não.e falo assim mesmo, viu?
- 10- É bonito demais o nosso djeito de falar é diferente é quase que um cuiabano da baixada. Nossa fala é cantada. Eu gosto do meu djeito de falar (risos).
- 11- Eu não. Aqui quase todo mundo é daqui.ninguém fala nada não. Porque todo mundo aqui fala cacerense mesmo viu?
- 12- Que eles é bugre, num tem esse negocio aqui não viu? Tirando isso todo mundo é igual.

Cacerense4: 32 anos
Funcionário
2 grau

- 1- (risos) falam não. Os mais velhos como minha mãe, meus avós falam bem cacerense mesmo. Já eu estou perdendo o sotaque já. Mais acho que seja o convívio com pessoas de outros lugares
- 2- Para mim normal porque fui criado no meio deles. Convivo com eles aqui a semana toda. Tenhos um monte de vizinhos bolivianos.
- 3- A fala mesmo e o jeito de ser deles meio bagunçado. Bagunçados como? Desorganizado não gostam muito de limpeza não. Os funcionários deles que organizam tudo ai nas lojas
- 4- Acredito que não. Porque não tenho mais o sotaque tão marcante que temos. Porque já não mora a muito tempo com meus pais que ainda tem o sotaque..
- 5- Ainda não. Mais vai . Porque já diminuiu muito o falar daqui. Muitas pessoas indo e vindo saindo pra estudar. Ai muda né?
- 6- (risos) o português né? Com certeza o português.
- 7- O jeito corrido de falar. Mais meu patrão nem pode saber disso heim! (risos)
- 8- O português do nordeste eu acho feio. É diferente do nosso. O nosso é o mais bonito eu acho.
- 9- Vixe! Sim o problema com o R . aqui a gente fala bicicleta ,dgente e os professores não gostavam não. Brigava com a gente, mandava falar direito.
- 10- Uma fala bonita.parecida com a do Cuiabano. Eu gosto.
- 11- Não nunca ouvi. (risos) de verdade não mesmo (risos).
- 12- É so o jeito mais rápido de falar mesmo. É outra língua né ?

Cacerense5: 45 anos
Comerciante
2º grau

1. Do modo geral sim todos falam com sotaque.
2. Eu gostei achei legal.
3. Acho que a fala né. É que todos prestam atenção de primeira. Porque quando eles estão entre eles so falam a língua deles. E a comida é totalmente diferente, tudo em molho. Credo! Não gosto tudo deles é molho até arroz.
4. Eu..... não. Porque já perdi o sotaque de tanto viajar eu viajo muito para comprar as coisas da loja. Mais meus pais e irmãos, as pessoas perguntam para eles se eles são cacerense (Risos).
5. Porque eu acredito que depois que começou vir outras pessoas de fora para cá, eles começaram a reparar na nossa fala. E algumas pessoas por vergonha desse jeito rápido de falar está mudando digo assim camuflando ou tentando mudar mesmo entendeu?
6. O português sem duvida nenhuma.
7. Acho feio (Risos). Na verdade eu não acho feio, eu acho diferente. Não entendo na verdade o que eles falam.
8. No português o que eu acho feio são as gírias. Nos últimos tempos está demais. Tenho dó de vocês professores com tanta gente falando assim. As pessoas tem que mudar o vocabulário tem que se conscientizar se não vai ficar pior.
9. Assim porque eu falo errado demais **nos vai** principalmente. **Eu alembro** (Risos) nossa varias. E minha diz pra mim: No comercio você tem que falar certo se não perde o freguês (Risos).
10. Tipica né. É a fala da região né? Do lugar. Bem igual a baixada cuiabana mesmo.
11. Só sobre os erros de português mesmo no mais não. Esta tudo certo.
12. É que os bolivianos são bugris mesmo. A aparência é bem diferenciada da nossa. E a forma de falar é mais rápida. Só.

Cacerense6: 30 anos
Funcionário
2º grau

- 1- Não. Porque os ricos nunca se misturam com o pobre, e o jeito de falar é diferente né? Porque tem a parede igual eu mesmo, eu fui criado com diferença já. Olha meus irmãos eles já não tem sotaque nenhum de cacerense. porque já estudaram já viajaram bastante, já moraram em outros lugar, em outras cidades. Eu não eu fui nascido e criado aqui mesmo, juntos com os nativos. No meio da gurizada eu sou o único que tenho sotaque cacerense.
- 2- Estranho né? Não entende nada, a primeira vez fiz gestos mímicas, quase plantei bananeira e nada. (risos). Tive ajuda por intermédio de outras pessoas. Tipo minha esposa na época ela era minha namorada, ela entende tudo e me ajudava.
- 3- A comida né? A comida e a fala, porque a comida principalmente dos bolivianos nativos que eles falam COLHAS, que são vindo de Santa Cruz é tudo liquido. Devido la ser frio demais então eles tomam pra esquentar eo modo deles vestir também muda.
- 4- Acredito, porque eu fui pra Sorriso uma vez aconteceu um fato comigo, la tem muitos maranhenses, e baianos, e como meu sotaque é forte, mesmo eu não sendo de Cuiabá, eles me chamavam de cuiabano.
- 5- Esta sim. Por causa das misturas de raça, e outros tem vergonha de falar cacerense mesmo por exemplo quando vai falar com alguém da justiça eles modificam a fala ou tenta puxar um outro tipo de sotaque, ou uma outra fala pra mostrar que é estudado entende?
- 6- O português
- 7- Não é que é feio . é que a falta de costume e convivência com a fala deles fica estranho a gente fala, entendeu? ai fica feio você falar por causa que você não sabe.
- 8- Feio no português. Deixa eu ver, acho que é a fala nordestina né? Se a pessoa não tiver um discernimento das coisas não consegue se comunicar com eles. Eles conversa tipo espanhol bem rápido e com frase de duplo sentido se você sentar em uma roda so de nordestino você não entende nada o que eles falam, por causa do falar deles que não é um português craro.
- 9- Fui sim. Mais por erro de pronuncia. tipo eu falava MANJOCA que é MANDIOCA. BICICRETA que é BICICLETA. Só por isso mesmo.
- 10- Uns acha engraçada né? As vezes assim, eu tenho até um certo preconceito com a minha fala. por causa que em certos lugares as pessoas fica reparando muito entendeu? eles param e ficam assim; nossa o que esse cara esta falando e tal. Mais é só nestes momentos no mais esta tudo certo e no whatsapp procuro não gravar áudio, porque tenho vergonha.
- 11- Já. Já, principalmente quando eu fui pra Sorriso , eles falavam assim pra mim, rapaz como você conversa estranho, e eu falava pra eles eu? E vocês

então parecem um bando de maritaca quando estão juntos. (risos) ninguém entende nada do que eles falam mesmo.

- 12- A dos brasileiros aqui de Cáceres se parecem mesmo por ser divisa, fisicamente , no rosto parece muito. Em relação a fala é a rapidez né? Tudo igual.

Cacerense7: 35 anos
Funcionária
Ensino fundamental

- 1- Não. Os ricos ficam tentando mudar o sotaque cacerense. Os pobres não eles falam do jeito que é mesmo. Na verdade os ricos ficam tentando diferenciar.
- 2- É como eu posso explicar? Eles estando aqui no Brasil, como podem falar tudo enrolado, até as crianças falam assim, ninguém entende nada. quando ouvi disse; meu Deus do céu o que é isto?
- 3- A alimentação deles é estranha, é tudo em uma panela. Uma espécie de sopa, e as vezes nem cozinha muito, fica meio duro os alimentos mais cheio de caldo. Tentei comer mais não desceu.
- 4- Sim, todo mundo percebe logo. De seis irmãos só eu e o caçula puxamos falamos cacerense mesmo.
- 5- Sim esta sim. Eu acho que é a mistura de outras raças né? Só os antigos que falam cacerense mesmo, e esta se acabando. Daqui uns dias só nos livros vai esta a fala cacerense e cuiabana. Acho que o povo tem vergonha de falar. Porque é um falar diferenciado dos outros lugares né? Acho que é isso mesmo.
- 6- O português né? Com certeza o português. Apesar de ser cacerense é minha língua né? E eu entendo.
- 7- Primeiro que eu não sei. Deve ser porque eu não entendo né? E eu acho o português uma língua boa de falar.
- 8- Eu não acho nada feio no português. Acho um língua bonita, agradável.
- 9- Já. Os professores. As vezes é mania de falar errado mesmo. Tipo TRABISSEIRO, CUIÉ, coisas assim que você tem dentro do seu habitat mesmo.
- 10- Uma fala agradável e fácil de entender. Acho que é isso.
- 11- Não. Porque eu não falo muito cacerense mais né? Aqui só os mais antigos mesmo. Então eu falo normal.
- 12- Não consigo não. a não sr a rapidez no falar, acho que deve ser isso mesmo.

Cacerense8: 21 anos
Funcionária
2º grau

- 1- Se for cacerense fala. Pode ter pós graduação , pode saber ser um empresário ,que falam do mesmo jeito. Tudo igual.
- 2- Eu fiquei assim um pouco confusa né? Porque a minha mãe sempre falava em casa, só que ela misturava sempre as palavras. Numa frase ela colocava sempre uma palavra em castelhano, até quando eu era criança também misturava eu fui pra escola falando as duas línguas.(risos) e ai quando eu vi eu estava muito confusa. Mais fala na verdade nem chegava perto, aranhava só. (risos).
- 3- Eu percebi muito a fala e a comida né? A gastronomia. Tem uma amiga que foi ano passado pra Bolívia e falou assim..... é muito nojento a comida de lá, ai eu estava la na praça e tinha uns pombos , e nos fomos comer em uma pizzeria, ai nos comendo e ela falando que era nojento que não sei o que. Ai eu disse; olhe os pombos ai. Se formos analisar as questões científicas esse pombo esta cheio de vírus, de piolho de não sei o que. Ai a pessoa se preocupa em ficar apontando pro outro uma coisa que esta inserida dentro da sociedade dela se a gente tirar a questão do preconceito, a comida deles ficará ótima, eu amo comida boliviana. Paçoca no pilão, e ALOA, que é uma bebida especifica boliviana, e assim ,eu particularmente adoro. Se a gente for analisar a praça da feira aqui mesmo, é horrível. Tudo sujo.
- 4- Eu acredito sim, porque tem algumas coisas que a gente fala que eles ficam assim. O que é isto? Tipo VÔTE! Eles perguntam o que é vote, chuva, jeito, peti, eles não identificam quando adjente fala.
- 5- Eu acredito que não. Pra quem é filho de pai emãe cacerense eu acredito que não.
- 6- Olha eu me identifico mais com o português né? Oir estar inserido aqui, mais eu acho o casteliano uma língua interessante. Se eu conseguisse conciliar as duas igual minha mãe, que apesar do tempo que esta aqui e ainda consegue falar com meus parentes e meus tios. E quando ela não lembra uma palavra ela pergunta principalmente pro meu tio que veio a pouco tempo da Bolívia e esta mais fluente ne? Mais essa coisa de conseguir conviver com duas línguas e ao mesmo tempo entender as duas e magnifico.
- 7- Feio? eu não consigo.
- 8- Não. Não consigo não.
- 9- Já pelos professores porque eu misturava muito M-N ou G-J ou V-B. porque é igual minha mãe ela fala o b baixo e o B alto. As vezes eu falava gumitar e não vomitar falava barrer e não varrer.
- 10- É bem semelhante a dos bolivianos ne? Por essa questão dos bolivianos estarem bem inseridos na sociedade cacerense. Tem palavras semelhantes e é um falar arrastado também.
- 11- Já. Porque de bugre ou dizem: a sua boliviana mas é no sentido pejorativo mesmo, no sentido de desprezar.

12- Me lembrei esses dias eu estava conversando com minha tia sobre uma moça que o nome dela é Xana. É aqui é vagina feminina né? ai a gente começou a rir é ela pergunto porque que eu estava rindo expliquei pra ela. Mais lá é nome comum de pessoas, nome geralmente. Eu tenho um primo por nome Nonicito porque ele é o nono filho do meu tio igual de parente aqui n Brasil biso, bisa.

Anexo E**TRANSCRIÇÃO DE DADOS
INFORMANTES BOLIVIANOS****Boliviano1:27 anos****Funcionária****2º grau**

- 1- Algumas.eu já trabalhei com gente rica aqui deCáceres , mais algumas falam , outros não. As que são mais estudadas falam diferente.
- 2- É diferente né? Porque a primeira vez que você ouve, você não entende nada. É tudo estranho. E quando eu vim eu não falava português só castelhano. Ai fui aprendendo.
- 3- Geralmente a comida né? Aqui é arroz com feijão né? Como eles falam casal. Pra nos não. É sopa, pão , esses negócios entendeu? o hábito alimentar daqui é bem diferente .mais de tanto fazer já ate gosto. Me acostumei já.
- 4- Sim. Porque o falar é diferente entendeu? ai já falam, essa não é daqui. E eu sou bugra né? Aqui eles tem sotaque e nos não temos . e muitas vezes pela aparência também entendeu.
- 5- O castelhano é mais bonito do que o português. Assim os dois é bonito mais o castelhano é mais, muito mais.eu acho
- 6- A geralmente o xingo né? Pessoas xingando . nossa é feio.xingar é feio, as vezes assim em português fala, filho da puta. La na Bolívia é concha de comadre. (risos) é filho da puta lá. Aqui é comum la é estranho.nãopode xingar a mãe
- 7- O xingamento também. Aqui tem xiingo feio também. Não gosto.
- 8- Já. bem no começo. Pelos professores mesmo. Quando eu ia falar geralmente errava a gramática só na fala mesmo, e elas brigavam.
- 9- É agradável sim. Eu fui alfabetizada em português aqui em Cáceres. Eu gosto do jeito que eles falam.
- 10- Já sim. Porque as vezes eles não entende nada, ai se perguntar eu falo. Entendeu? principalmente quando eu falo com os bolivianos, tem gente que para pra ouvir, entendeu?
- 11- Tem algumas palavras que são iguais, que eles entendem tipo; tatu que no português é tatu também então é praticamente a mesma fala entendeu?

Boliviano2: 34 anos
Comerciante e funcionária
2º grau

- 1- Não . Fala diferente, os ricos falam melhor por ter estudo, fala sem sotaque. Os pobresfala com sotaque forte entendeu?
- 2- Eles , os cacerenses tem um sotaque bem puxado né? Um sotaque bem de bugre mesmo.
- 3- É a fala e a comida né? A comida aqui é separada, e a nossa é tudo junta.pra nos tem que ter pão em todas as refeições entendeu? primeiro sopa depois o pão. A sopa é um prato de entrada entendeu? depois tem arroz , feijão , e bife, mais tudo junto.
- 4- Sim, eles olham e já sabem. Muita gente jáme conhece, nem preciso falar pra saber que sou boliviana, entendeu?
- 5- Mais bonito é o castelhano, né? Tem um som mais forte.
- 6- Vamos supor, alguns ditados, algumas palavras. **Miro irete**. Filho de uma cachorra. no castelhano esse xingamento é muito forte . já aqui no brasil é normal. Pra nos não é forte, entendeu?
- 7- A ignorância das pessoas, eu acho feio. São grosseiros com os outros , alguns xingam, eu acho muito feio.
- 8- Sim. Aqui mesmo em Cáceres. Muita gente corrige, pois as vezes não conheço as palavras ainda, entendeu?
- 9- Normal. Aqui fala mais manso, mais lento. Castelhana não é corrido. Mais aqui tem muito sotaque entendeu?
- 10- Assim de frente não.mais no fundo elas falam sim que e feio o meu falar. Mais é porque os cacerenses tem sotaque, acho que é isso. Eu já trabalhei nas casas dos cacerenses antes de ter minha loja, e eles ria quando eu falava, entendeu?
- 11- É que os cacerenses mais velhos são bugres, igualnos mesmo a diferença é na faça mesmo entendeu? acho que é isso.

Boliviano3: 53 anos

Comerciante

2º grau

- 1- Não porque o rico fala melhor que nos. Porque tem mais estudo, viaja muito. E os de crasses media não. É aquela mesma maneira que a gente tem. Então tem diferença sim.
- 2- Eu achei estranho. É diferente o jeito deles fala. Tem sotaque, né?
- 3- O comportamento deles. O jeito deles é diferente.mais fechado do que nos, entende?
- 4- Sim. É so olhar também já sabe que sou boliviana. Olha a minha aparência e já ve.
- 5- O castelhano. É mais bonito.
- 6- Por exemplo é feio pra nos xingar entende? Vou falar cala boca sua filha de uma égua. É comum aqui.pra nos não.
- 7- É que as vezes eles brigam, xinga entende? Tem gente que fala que eles é assim mesmo. Mais não gosto não. É feio.
- 8- Na escola quando eu estudava a professa falava, fala direito menina, a gramática eu não sabia.
- 9- É um pouco complicado né?é diferente o modo que eles fala eu consigo entender pouco, eles fala muito rápido e tem sotaques entendeu?
- 10- Não. Ainda não
- 11- Tem. Mais eu não sei te falar, mais tem.

Boliviano4: 46 anos
Comerciante
2º grau

- 1- Tem diferença porque tem umas pessoas que são ricas, que não parecem ser ricas, falam normal. E tem outras que não. Algumas falam igual paulista nem parece ser de Cáceres. Acho que porque temais estudo né? olha eu não pareço ser boliviana e nem cacerense, pois misturo tudo (risos).
- 2- Bem diferente né? Depois a gente vem pra cá e vai se acostumando eu gosto do jeito do cacerense falar.
- 3- A comida né? Porque aqui é arroz , feijão e carne. Lá na Bolívia não. É mais sopa, tudo lá tem um caldo. Tem que ter caldo em tudo, é nosso costume né?
- 4- Sim. Percebe sim, no começo percebia mais, agora já esta melhor . porque falo o português e aqui no camelo nos procura usar a língua que todo mundo entende. Entendeu?
- 5- O brasileiro é língua mais bonita. Apesar de gostar do castelhano porque sou da Bolívia. O português sem dúvida é mais bonito.
- 6- O jeito de xingar, aqui entre os bolivianos se xinga muito. Povo da Bolívia aprendeu xingar aqui. Muito feio. Então é o xingamento mesmo.
- 7- Tipo assim. As pessoas mais de idade, eles não falam mais correto, e a gente também não. Mais eles falam DEITCHAM AÍ , DJEITO. Aí é mais puxado é diferente. Esse jeito acho feio , não consigo falar não.
- 8- Bem no começo sim, geralmente a professora na sala de aula né? Ela dizia fala direito não é assim que fala não , você parece burra. Tinha até medo de voltar na escola.
- 9- Na maioria das vezes engraçada né? Os mais velhos falam mais rápido e quase não dá pra entender nada. Os mais jovens não, eu entendo tudo. É tipo um cacerense misturado com cuiabano. Entendeu?
- 10- Bem no começo eles falavam, que esquisito o modo deles falar. Mais agora eu já falo correto. Acredito que hoje eles não falam mais não.
- 11- Boliviano fala mais rápido do que o português. E a semelhança é que são línguas diferentes e o modo de expressar muda né? mais no final todos entendem. Acho que é isso.

Boliviano5: 38 anos
Funcionária
2º grau

- 1- Não pra mim não. (risos) é diferente , porque o sotaque das pessoas mais pobres é bem diferente de quem tem mais estudo. Entendeu?
- 2- (risos). Ai, ai. Porque quando eu vim morar aqui eu estava com oito anos e eu assim, falava mais espanhol do que português. Agora não, eu falo português. E tem gente que pergunta pra mim; você é boliviana mesmo? E eu já peguei o falar cacerense um pouco.
- 3- A comida é bem diferente do tipo aqui do Brasil mesmo. A fala também; lá na Bolívia é tudo sopa. É bem raro vc ir num restaurante lá e achar algo diferente que você quer comer. Tipo aqui você vai no restaurante e come uma lasanha né? E lá se você fizer pra eles, eles não come. Tem que ter caldo em tudo.
- 4- Muitas pessoas falam assim pra mim, me pergunta se eu so boliviana mesmo. Porque é difícil eu falar espanhol aqui. So em casa mesmo. Aqui eles acham que sou cacerense. Minha mãe so fala espanhol, mais quando estamos em outro lugar nos só usa só o português mesmo.
- 5- Pra mim é o castelhano. Porque é o que eu sei né?
- 6- No castelhano o que é mais bonito e quando todos juntam, a conversa é mais agradável de ouvir, entendeu?
- 7- Não acho nada feio no português. So acho difícil.
- 8- Bastante. Assim, pelos meus colegas e professores também. As vezes era pra falar VOCÊ e eu usava o S no final, entendeu? e eles riam de mim. Mais eu agradeço pelas pessoas terem me corrigido, essa é uma palavra que eu não esqueço mais. (risos)
- 9- É diferente da minha, mais é normal. Por exemplo; tem boliviano que fala cacerense mais não escreve só isso normal mesmo.
- 10- Já sim.pelo menos minha cunhada adora me reparar entende? Principalmente quando estou falando bem. Quando vou pra lá, que eu e meu marido discute eu grito com ele em português so pra ela não entender nada. (risos)
- 11- Assim o diferente deles é que eles fala uma outra língua. Mais no final é tudo igual né? Sempre da um jeito pra entender o outro

Boliviano6:58 anos
Comerciante
Ensino fundamental

- 1- As mais velha sim, as mais nova não. Já perdeu o jeito de falar deles. Igual nos estamos perdendo tem coisa que eu já não sei mais.
- 2- Não entendia nada, ai fui pra escola e fui aprendendo. Hoje eu nem falo minha língua mais direito
- 3- Quando cheguei aqui era tudo. Agora só estranho a comida, a minha é molhada a deles é seca.
- 4- Sim. Eu falo diferente e sou diferente na fisionomia né? Bugre eles chamam.
- 5- O castelhano né?
- 6- Não acho nada feio não é minha fala né?
- 7- Esse jeito de falar muito rápido, é estranho. Quando a pessoa mais velha vem aqui, quase não entendo a conversa delas. Parece outra fala.
- 8- Já pelos meus colegas mesmo. Olhe o bugre! Não sabe falar. Era muito feio o que eles fazia e eu não gostava de ir a escola
- 9- Igual as outras mesmo. A nossa é ligera, a deles também. Eles não entende a nossa mais nos entende pouco a deles. agora já esta ficando tudo igual.
- 10- Já (risos) quando falo rápido, eles dizem que não entende. O povo que vem aqui comprar fala rápido também.
- 11- Só que nos fala rápido igual eles mesmo né? Só isso mesmo.

Boliviano7: 55 anos
Funcionário
Ensino fundamental

- 1- Não. Os ricos fala melhor, porque estuda mais né? Os outros fala igual nos mesmo.
- 2- (risos) não entendia nada, ai meu irmão que tem uma loja aqui do lado me ensinou. Achava esquisito.
- 3- O modo da fala mesmo, e a comida é diferente da nossa. A nossa é sopa e aqui não.
- 4- Tem gente que acha que eu sou daqui mesmo. Eu não saio daqui, meu filho que viaja pra comprar as coisas da loja.
- 5- O castelhano é mais bonito, mais só falo em casa. No comercio falo o português mesmo.
- 6- Não acho nada feio não.
- 7- Aqui o povo fala igual malandro na gíria. E AÍ MEU! FAZ UM MENOS AÍ MALUCO! Isso eu acho feio.
- 8- Sim as professoras e os meninos na escola, ficavam mangando . fale direito seu bugre, eu ficava bastante dia sem ir na escola.
- 9- Rápida né? Igual nós (risos) eu falo mais lento mesmos.
- 10- Nunca ouvi não. Como assim? Só na escola mesmo. Agora já sei falar o português, falo pouco em castelhano.
- 11- Os cacerenses da minha idade parece bugre também. igual nos mesmo. E a fala é ligera também.

Boliviano8: 43 anos
Comerciante
Ensino fundamental incompleto

- 1- Aqui quase não vem rico né. Mais deve fala sim. tudo mora aqui é tudo misturado.
- 2- Difícil demais. Eu nunca tinha visto um brasileiro falar. Achei esquisito. Agora é normal.
- 3- Agora é comida, a comida é mais fina né. Nós não nos gosta de sopa. De pão de caldo mesmo. O comportamento é igual nos mesmo.
- 4- So se eu falar castelhano. Porque se eu falar cacereense eles pensa que so daqui mesmo. Entendeu?
- 5- O português. Eu acho mais bonito. As musicas a gente entende melhor.
- 6- Eu não acho nada feio no castelhano so acho o português mais bonito. E eu quase não falo castelhano so português mais, entendeu?
- 7- O xingo. Aqui xinga assim. Pode falar? Toma no rabo . filho de uma puta isso é feio.
- 8- Já sim. As professora mais faz hora já. Agora eu falo bastante já sei.
- 9- Pelo menos pra mim ninguém falou nada não.
- 10- E que falam que nos tudo é bugre né? Mais acho que eles não gosta que fala isso não viu.